

HISTÓRIAS DE
CAETANUS
LOPES





Histórias de Caetano Lopes

O livro *Histórias de Caetano Lopes* chega para celebrar a riqueza, a delicadeza e a graça das narrativas, contos e causos dos moradores do distrito que compartilharam junto à equipe do Teatro da Pedra suas memórias.

No gostoso embalo do sotaque mineiro, as histórias foram e continuarão sendo contadas de boca em boca, mas registrá-las no papel tornando-as um documento que poderá ser acessado por gerações atuais e futuras é, sem dúvida, um privilégio e uma alegria.

Um viva à cultura oral de Caetano Lopes e que ela esteja presente ontem, hoje e amanhã.

TEATRO *da*
PEDRA

apresenta:

HISTÓRIAS DE
CAETANUS
LOPES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Elis

Histórias de Caetano Lopes / Elis Ferreira. --
São João Del Rei, MG: Teatro da Pedra, 2023.

ISBN 978-65-999771-1-4

1. Caetano Lopes (MG) 2. Cultura popular -
Literatura infantojuvenil 3. História - Literatuta
infantojuvenil 4. Lendas - Literatura infantojuvenil
5. Oralidade I. Título

23-159056

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

APRESENTAÇÃO

Durante os anos de 2022 e 2023, o Teatro da Pedra, em parceria com a Vale, realizou o projeto “Encontro de saberes - as histórias de Jeceaba”, que proporcionou às cidadãs e aos cidadãos jeceabenses um encontro com a cultura local através de oficinas de teatro, apresentações e contação de histórias.

Além dessas ações, foram realizadas entrevistas com moradoras e moradores de Caetano Lopes, distrito pertencente a Jeceaba, em torno das narrativas, lendas, causos e histórias que permeiam a cultura oral da comunidade, para a confecção deste livro, “Histórias de Caetano Lopes”.

Com carinho e simpatia, a equipe do Teatro da Pedra foi muito bem recebida pelos moradores, que narraram seus causos com uma gostosa nostalgia, ora emocionando-se, ora dando boas gargalhadas das histórias ocorridas no passado. Seu Milton e sua esposa Sandra, sempre solícitos, não mediram esforços para nos ajudarem na marcação das conversas e também nos entregavam a chave da sede da Associação de Moradores para passarmos o dia no distrito. Lá, o Seu Nelson frequentemente dava uma passadinha e a gente aproveitava para ouvir um pouco mais sobre seus causos. E para completar, Ana Maria nos presenteava com café, torradinha, bolo e salada de frutas, tendo sido também uma pessoa de suma importância para a conexão de nossa equipe com a comunidade, nos ajudando com as

dúvidas que surgiam, com as burocracias necessárias e com as sugestões de entrevistas.

Para nós do Teatro da Pedra foi um prazer imenso registrar um pouquinho da cultura oral de Caetano Lopes. De nossa parte, esperamos que este livro proporcione aos leitores uma gostosa viagem no tempo e que, sobretudo, ofereça espaço para que os genuínos contadores de histórias, com tanta riqueza cultural, tenham suas narrativas registradas no papel.

Agradecemos à Vale nas pessoas de Luiz Guilherme Queiroz Gomes e Mariana Aparecida Almada, que tornaram possível a realização deste projeto de suma relevância para o distrito.

Agradecemos aos integrantes da Associação de Moradores e Amigos de Caetano Lopes: Rosilindia Thaiz Cruz de Souza, Sheila Cristina de Oliveira, Bruna Rafaela Silva Francisco, Adriana Dônola da Silva, Lucas Rodrigo dos Santos Oliveira, Afrania Amelia de Freitas Sobrinho, Milton Martins Campos e Ana Maria Machado, pela carinhosa recepção, pelo apoio e pelos esforços para que o trabalho fosse realizado com excelência.

A todas as moradoras e a todos os moradores de Caetano Lopes, nossa admiração, nosso carinho e nosso respeito. Gratidão por partilharem suas vivências, suas graças e suas belezas.

Elis Ferreira
Atriz e Arte educadora do Teatro da Pedra

PREFÁCIO

É muito bom podermos conversar à beira de um fogão a lenha ou na soleira de uma porta, puxando pela memória e escutando casos de outros tempos. Nos fazem viajar para outros lugares e recordar pessoas queridas, mas também, nos conectam com nossas raízes e nossa história.

Resgatar e valorizar os personagens e os saberes que marcam as histórias de uma comunidade é fundamental para valorizar suas características singulares e fortalecer sua identidade cultural.

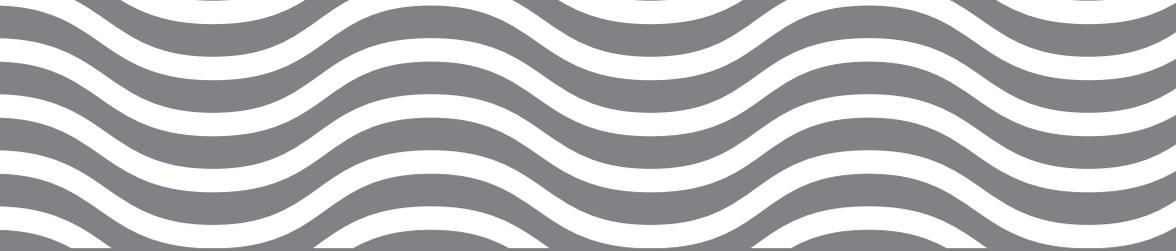
Este livro apresenta o resultado do mergulho pelos caminhos da memória e das recordações, dos cheiros e sabores, resgatando emoções e sentimentos que compõem o mosaico das tradições da comunidade de Caetano Lopes.

A Vale tem como objetivo valorizar e contribuir para o desenvolvimento dos territórios onde está presente e se orgulha em ter contribuído para uma obra que resgata, de forma tão delicada, traços e costumes que marcam as histórias e a riqueza cultural desta comunidade.

Luiz Guilherme Queiroz Gomes
Analista de Relacionamento com Comunidades

O material contido neste livro carrega informações da cultura oral do distrito de Caetano Lopes, entendendo-a como mutável a partir do momento em que as histórias vão sendo contadas de boca em boca durante os anos. Os acontecimentos narrados podem variar em versões dentro da cultura popular.

Alguns trechos deste livro foram escritos aproximando-se da linguagem oral dos entrevistados.





JECEABA E CAETANO LOPES

Jeceaba em tupi-guarani Yi-ecê-aba significa “confluência de rios ou reunião das águas”. Esse foi o nome dado à cidade que, segundo narram, iniciou-se a partir da vinda de trabalhadores portugueses, italianos e espanhóis, contratados para a construção do Ramal Paraopeba da Estrada de Ferro Central do Brasil.

De certo, anteriormente habitado por povos originários, o local, após a instalação da ferrovia, desenvolveu-se rapidamente e emancipou-se de Entre Rios de Minas por volta de 1953.

Pertencente a Jeceaba e bem próximo geograficamente, encontra-se o distrito de Caetano Lopes, cuja história de formação também conta com a implantação de uma ferrovia que fez emergir um movimento de pessoas para trabalhar, para pousar e para embarcar e desembarcar do trem. Para a definição do nome, foi feita uma homenagem ao engenheiro Caetano Lopes, construtor da linha que passa pelo distrito e que é também pertencente à família responsável por grande parte da malha ferroviária de Minas Gerais.



PARTE I

A VIDA

EM

OUTROS

TEMPOS

Venha conhecer e relembrar um pouco sobre como era a vida no distrito de Caetano Lopes em outros tempos. Prepare-se para se surpreender e se encantar com a simplicidade e com os costumes locais.

ANTIGAMENTE ERA ASSIM

ILUMINAÇÃO

Segundo contam, a luz elétrica chegou a Caetano Lopes em 1978. Antes disso, as pessoas usavam lamparinas e lampiões para iluminar dentro de suas casas. Para andar na rua, o que iluminava era a luz da lua. Em noite de lua clara, dava pra enxergar bastante, mas em noite de lua nova, a escuridão era quase total.

TRANSPORTE

Para ir de um lugar ao outro, andava-se muito a pé ou a cavalo. Inclusive, o pessoal que trabalhava na usina e na siderúrgica caminhava cerca de seis quilômetros todos os dias até chegar ao destino. Era costume os trabalhadores se deslocarem todos juntos, indo em bando.

Para transportar as coisas ou até mesmo pessoas que precisassem de um pouco mais de conforto, era usado o carro de boi. Depois chegaram as bicicletas, e alguns se animavam a percorrer longas distâncias sobre as duas rodas, indo ao centro de Jeceaba ou até outras cidades, tais como Congonhas, São Brás do Suaçuí, Entre Rios de Minas e Belo Horizonte.

O trem ia fazendo café com pão, manteiga não, café com pão, manteiga não. Mas nem pão, nem manteiga não tinha pra nós lá não.

Nelson Lobo Veado

Em relação aos trens que fazem parte do distrito desde as suas primeiras casas, quem contou um pouco foram Seu Nelson e Seu Milton, os quais lembraram juntos as máquinas que passavam pela estação de Caetano Lopes e como cada uma era.

Buda: Era uma espécie de trenzinho que carregava os trabalhadores, uma carrocinha com motor, que percorria os trilhos.

Litorina, também conhecida como “Leitorina”: Toda feita de alumínio e bem rápida, a máquina única era muito grande, de uns dez metros de comprimento. Fazia o trajeto para Belo Horizonte e para o Rio de Janeiro.

Trem misto: Essa locomotiva parava em Caetano Lopes. Era um trem que carregava pessoas, mas também tinha uma vagão especial para carga de animais.

Trem boiadeiro: Tinha aproximadamente dez vagões grandes e gradeados, todos carregando bois.

Trem Vera Cruz: Considerado um trem de luxo, ele era o mais caro. Possuía quatro ou cinco vagões e era todo em alumínio. Esse não parava em Caetano, somente passava. Para embarcar nele, era necessário ir a Jeceaba ou a Congonhas.

Trens R1, R2 e N2: Locomotivas que paravam em Caetano Lopes com destino ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Carregavam muitos passageiros e eram bem populares.

Trem dos baianos: Era um trem que saía da Bahia rumo a São Paulo repleto de homens, mulheres e crianças baianas que estavam a caminho de uma vida melhor no Sudeste. Não era preciso pagar pela passagem, pois ela era oferecida gratuitamente a qualquer pessoa que quisesse realizar esse trajeto. Segundo contam, as condições de higiene às quais essa população era submetida eram bem precárias, impressionando a quem se aventurasse a adentrar nos vagões.

ACIDENTES

Como a linha do trem atravessa Caetano Lopes, seria difícil pensar que nunca houve acidentes envolvendo as máquinas e os trilhos. E sim, os acidentes aconteciam, deixando todos muito tristes. Alguns contados e marcantes para a comunidade foram:

A morte do sanfoneiro João: Contam que João estava no bar e tinha tomado algumas cachaças. Do outro lado da linha, moravam umas meninas que os rapazes gostavam de namorar. Encorajado pela bebida, mas também embriagado por ela, o homem decidiu atravessar por debaixo de um dos trens que estava parado para chegar do outro lado. Acontece que, quando ele saiu de debaixo do trem parado, veio um outro no trilho vizinho e o atropelou. João morreu na hora.

Batida entre o trem Vera Cruz e o trem dos Baianos: Como o trabalho de virar a chave dos trilhos era feito manualmente, houve um erro que desencadeou um grave acidente deixando mortos e feridos.

Acidente com o buda: Esse trem de apenas um vagão carregava os trabalhadores da linha férrea diariamente, mas não era seguro. Certa vez, dois rapazes caíram do transporte em movimento. Um morreu na hora e o outro ficou gravemente ferido vindo a ter sequelas por toda vida.

Atropelamento dos cães: Por ainda não estarem acostumados com os trens que passam diariamente por Caetano Lopes, diversos cachorros já foram feridos nos trilhos, entristecendo a população que, muitas vezes, presenciou os atropelamentos.

ILHADOS

A estrada para Caetano Lopes foi asfaltada há pouco tempo, há aproximadamente uns cinco anos. Antes dessa data, todo o caminho até o município era em estrada de terra.

Maria Sérgio contou que a população sempre dependeu muito de cidades vizinhas para necessidades básicas, tais como atendimento médico e bancário, bem como compra de insumos alimentícios e pessoais. A moradora lembra também que na época em que já havia ônibus para fazer o traslado dos habitantes, no tempo de chuva, com frequência, o coletivo atolava.

Descia o motorista e os passageiros do ônibus e iam embora a pé. Só conseguiam tirar o ônibus atravessado na estrada depois que secasse o barro. As pessoas ficavam ilhadas, quase um mês sem sair de casa.

Maria Sérgio Luiz

QUANDO NÃO TINHA SANEAMENTO BÁSICO

Quando ainda não havia sistema de saneamento básico na comunidade, a população buscava água na biquinha para lavar roupas e para outras necessidades pessoais.

Depois de um tempo, veio a cisterna, que evoluiu pouco a pouco. Primeiro, cada um com seu balde fazia a retirada do líquido. Depois, os moradores passaram a usar um sistema de bomba manual. Por fim, foi instalada a bomba elétrica, que facilitava bastante o acesso à água.

Para as necessidades fisiológicas, não existia banheiro.

Era uma laje, um portãozinho e o buraco para fazer as necessidades. O povo falava: vou lá na latrina. E usava pinico também, que chamava “urinoli”.

Nelson Lobo Veado

Era comum não tomar banho sempre, e sim somente lavar o rosto e os pés. Quando tinha banho, era em uma bacia enorme. Usava-se lavar primeiro o rosto, as mãos, o tronco e as pernas, depois as partes íntimas e, por fim, os pés. Essa forma era considerada mais higiênica.

Como não havia rede de esgoto e as ruas eram de terra, quando chovia, criava-se um grande rego por onde a água escorria. Lá, as crianças, após a chuva, brincavam na enxurrada caminhando no sentido contrário.

GARIMPO

Na época do ciclo do ouro, Caetano Lopes, assim como toda a região, viveu tempos de abundância. Os fazendeiros, com a exploração de mão de obra escravizada, retiravam do território grandes quantidades do nobre metal. Nas proximidades desses pontos de extração e exatamente por causa dos procedimentos do garimpo, formavam-se, em época nem tão remota assim, lagoas sobre as quais o Seu Nelson Lobo Veado nos conta: “tinha muito cará, piaba e as pessoas pescavam lá.” Nesses tempos da infância de Nelson, também dizem que muitas pessoas encontraram pepitas nas rochas e nas águas. Ele mesmo afirma que seu pai construiu a casa de sua família com o dinheiro do ouro encontrado nos arredores do distrito.

BANCO ANTIGO

Para quem morava na zona rural, nunca foi fácil utilizar o serviço dos bancos, até mesmo porque estes só existiam nas cidades maiores. O jeito então era ter criatividade para inventar os mais diversos esconderijos para guardar as notas e moedas.

Em Caetano Lopes, havia uma senhora que passava na casa de todo mundo pedindo aquelas antigas latinhas de talco bem achatadas. Ninguém sabia para que a mulher queria tanta lata. Pois bem, depois que ela morreu, descobriram que a esperta senhora guardava o seu dinheiro dentro de um plástico e o plástico dentro da lata de talco. Em casa, ela amarrava um arame na lata e pendurava no assoalho para esconder o seu dinheiro. E não para por aí! Também acharam notas dentro da tuiá de feijão de sua cozinha.

Outro caso aconteceu quando o pai de Ivone recebeu o dinheiro de sua aposentadoria e sua esposa guardou tudo nos tijolinhos do chão da casa. Ela tirou um a um, dos que estavam embaixo da cama, enrolou o dinheiro em um plástico grosso, colocou embaixo do tijolinho e tapou.

Outros lugares a que comumente as pessoas recorriam eram forro do telhado, lata de biscoito e embaixo do colchão.

BRINCADEIRAS

As crianças de antigamente sabiam mesmo se divertir! Inventavam brinquedos e ainda aprendiam muito, dando asas à imaginação.

Algumas brincadeiras que faziam sucesso com a garotada de Caetano Lopes são: pescar e nadar no rio; pular corda usando um cipó resistente; cantiga de roda; brincadeira de casinha; de boneca; de fazer animais com chuchu e sabugo de milho; de sentar na calçada e contar causos; de pique-esconde; de peteca com palha de milho ou capa de bananeira e penas; de bolinha de gude; de finco; de carrinho de rolimã; de fazer vaquinha de banana verde, boneca com espiga de milho e carrinho de limão; de subir em árvore para apanhar frutas, sabendo bem qual delas aguentava o peso da garotada sem quebrar; de pique-pega; de pular e jogar para cima a palhinha do arroz e do milho; de auditório, cantando e dançando fingindo que tinha um microfone e as outras pessoas assistindo; de bola de meia, enchendo uma meia velha com retalho para dar o peso e volume certo; de queimada; de passar anel; de andar de bicicleta pelas estradas; de andar a cavalo; de amarelinha; de polícia e ladrão; de coelhinho sai da toca; de jogar bola; de médico...

Ana Maria Machado lembra que em certa ocasião, quando ela, o primo e o irmão estavam brincando de médico, um dos meninos, que fazia o papel do doutor, quis aconselhar o paciente adoentado e acabou soltando a máxima:

— Olha compadre, você compra esse remédio. Ele faz muito mal, mas melhora bem.

E todos caíram na gargalhada.

CRIANÇAS QUE TRABALHAM

Eu tava com nove anos. O fogão era muito alto. Minha mãe colocava um banquinho pra mim subir pra torrar café.

Rosolmira Magda de Oliveira Machado

A gente viu que as crianças de Caetano Lopes sabiam brincar, e que bom! Mas, para muitas delas, essa vida de brincadeiras durava muito pouco tempo e, bem cedo, com aproximadamente sete, oito, nove anos, elas tinham que começar a trabalhar ou a conciliar as brincadeiras com o trabalho pesado. Para se ter uma ideia, veja alguns serviços que comumente eram feitos por crianças: buscar lenha, arrumar a casa, buscar esterco, buscar água no rio, moer milho, torrar café, cozinhar, olhar outras crianças e bebês, plantar milho, feijão, arroz, lavar roupa...

Dona Geni, em suas recordações, lembra que seu pai lhe dizia:

— Vai na eguinha, minha filha, pois a roça é muito longe e ocê é pequena.

E assim ela fazia. Montava na eguinha de seu pai para não se cansar tanto e, chegando no local do trabalho, ajudava-o a plantar e a colher milho, feijão, arroz,... o que fosse. Trabalhava o dia inteiro com ele e só voltava para casa de tarde.

Sua mãe, muito rígida, sempre a xingava e aos irmãos, caso eles não fizessem as coisas direito.

Na minha casa não usava ter torneira, não usava ter tanque, não usava ter nada. Na horta da minha mãe, passava um ribeirão grande. Ela pôs uma pedra lá e uma tábua pra gente ficar em cima. Lá eu tinha que lavar a roupa da casa toda. Eu pequenininha. Aí eu acabava de lavar a roupa, punha tudo no varal e ela já ia conferir peça por peça. A que tivesse limpinha ela deixava, a que tivesse suja, ela tirava e jogava no chão. E aí de quem falasse “a”. Não podia responder ela não.

Geni Maria de Jesus Silva

MÃE COSTUREIRA

Dona Geni, quando criança, vivia em Santa Quitéria, pertinho de Caetano Lopes. Sua mãe, além dos serviços domésticos, costurava roupas por encomenda para ajudar na manutenção da casa. Como o dia era muito cheio de atividades, ela frequentemente tinha que costurar à noite e à luz da lamparina segurada por sua filha.

A gente tinha que ficar a noite toda segurando a lamparina do lado dela para que ela enxergasse. Às vezes, a gente cochilava e a mãe falava “acorda que eu preciso terminar de costurar.” A lamparina dava uma fumaça preta que o narizinho da gente ficava pretinho, pretinho. E acabava com nossa vista.

Geni Maria de Jesus Silva

Na véspera das festas na comunidade, o trabalho mais que dobrava, pois a costureira tinha que fazer roupa para todos que a procuravam com um corte de tecido. Ao som do pedal da máquina, as noites da família eram longas e recheadas de muito trabalho.

ROUPA DE SACO

Outrora, era muito comum usar o saco em que vinha o açúcar para fazer roupas para as crianças. Segundo Seu Itamar José da Silva “a roupinha de ir pra escola nem era uma bermuda, nem uma calça comprida. Tinha uma blusinha e um suspensório. E era só uma que cada um tinha.”

Ele lembra que, quando chegava o domingo e ele queria ir para Caetano com seu avô, acordava às seis horas da manhã, enrolava uma espécie de uma toalha no corpo e ia lavar a tal roupa de saco na bica com uma bucha vegetal. O menino esfregava bastante até ficar limpinho, depois torcia bem e punha pra secar no sol para que, em breve, conseguisse vesti-la novamente. Se chovesse, ele tinha suas táticas. Tratava de passar a roupa com ferro em brasa tão quente, que ela chegava até a amarelar.

ALIMENTAÇÃO

Em outros tempos, na maioria das casas, comia-se o que se plantava: feijão, milho, mandioca, inhame, abóbora, chuchu, arroz, caruru de porco, beldroega, couve, entre outros. As famílias que tinham criação de animais, vez ou outra, podiam contar com uma carne para compor o prato.

Quando queria comer carne, matava um bicho: porco, galinha... A carne do porco era guardada na lata durante seis meses ou mais.

Vander Benvindo de Freitas

Outra coisa comum, eram as caçadas realizadas por alguns homens, que partiam para o mato em busca dos mais diversos animais: paca, tatu, coelho, ouriço... Matavam e depois levavam para casa para comer. Às vezes, eles passavam a semana toda no meio do mato caçando.

Para preparar os alimentos, tudo era feito no fogão à lenha, presente na maioria das casas. E era rotina que crianças e adultos buscassem as lenhas de manhã, de tarde e, às vezes, até de noite, para alimentar o fogo que se mantinha aceso durante todo o dia.

TRABALHO NA ROÇA

No tempo antigo, as pessoas pegavam serviço quando começava a clarear o dia. Toda casa tinha uma engenhoca. Quatro horas da manhã, o povo levantava e ocê começava a ouvir o engenho cantando igual macaco. Um já tava passando a cana, o outro moendo café. O café era o que plantava na horta, não tinha essa história de comprar café, não. Pra comer, cubu de fubá enrolado na folha de bananeira. Nós saía aqui da roça somente pra comprar dois objetos: sal e querosene. O resto tudo era colhido aqui na horta.

Itamar José da Silva

Ainda segundo Seu Itamar, depois dessa rotina matinal, as pessoas saíam para o trabalho no campo. Quando dava nove e meia da manhã, já era momento de almoçar. “Cada panela com um tipo de comida, uma lata de querosene e uma cuia de melado com um pedaço de angu.” Após o almoço, quem gostava de fumar, ia fumar. Quem não, só descansava um pouquinho e já voltava para o trabalho.

Por volta de meio-dia, uma hora da tarde era hora do café reforçado, depois “verbava na enxada de novo” até dar quatro e meia da tarde, quando a dona chegava com a janta. E se você pensa que depois dessa hora eles paravam, que nada! Continuava o trabalho até acabar a luz do dia.

E cê não vai acreditar... nessa época, quando chegava em casa, não usava tomar banho. Só lavava os pé e a cara e ia dormir. Era colchão de palha. Uma barulhada. Ocê deitava naquilo que ocê sumia.

Itamar José da Silva

Enquanto os homens trabalhavam na roça, as mulheres ficavam em casa preparando a comida. Dona Maria Rosário lembra de quando ela tinha aproximadamente uns doze anos e ajudava sua mãe.

Meu pai e meus irmãos plantavam roça num lugar longe de casa. Ficava eu e minha mãe em casa. E eu ajudava ela. A gente fazia o almoço. Tinha aqueles balaio grandes, forrava o balaio bem forradinho e ali colocava as panelas tudo juntinha mais os pratos, os garfos, os panos de prato, tudo organizadinho. Eu colocava na cabeça e levava em lugar longe pra eles. E voltava com as vasilhas para lavar, fazer a janta e voltar outra vez com a comida.

No fim do dia eu via em cima do carro aquele tanto de milho e abóbora. Era a coisa mais linda! E a gente guardava as abóboras sem tirar o talo porque aí dava pra comer o ano todo que não estragava.

Maria do Rosário da Silva

TUDO QUE VINHA DA MANDIOCA

Nos dias de hoje, para quem está acostumado a comprar o polvilho ou a farinha de mandioca no supermercado é no mínimo curioso conhecer como os antigos faziam para chegar a esses fins. Dona Maria do Rosário contou para nós como sua família tradicionalmente lidava com esse alimento tão rico em possibilidades.

A gente tinha um mandiocal muito grande. Aí a gente arrancava a mandioca, levava para casa, levava na bica, lavava ela com escova e deixava secar. Aí descascava e ralava naqueles ralos de mãos. Depois tornava a levar na bica e lavava ela todinha de novo. Aí a gente pegava um lençol branquinho e amarrava ele de um lado e do outro, que assim ele fica mais esticado e faz aquele colo no meio. Aí a gente jogava a mandioca ralada nesse colo do pano e ia mexendo. O que ficava em cima, virava a farinha de mandioca e o debaixo, virava polvilho.

Maria do Rosário da Silva

Com o delicioso polvilho, a família fazia diversas merendas que atendiam a todos nos cafezinhos da tarde e nos lanches durante o trabalho. Com a farinha de mandioca, delícias eram preparadas no almoço e no jantar, finalizando um processo que se iniciou no plantio e terminou satisfazendo o estômago de muita gente.

TUDO QUE VINHA DA CANA

Tudo começava colhendo a cana plantada. Depois, era passar pelo engenho para dar início ao processo que gerava a garapa, o melado e o açúcar mascavo.

*Nós tínhamos um animal, que ele que rodava com o
engenho e nós ficávamos na moenda colocando as canas.
Saía aquela garapa bonita e a gente tomava muita garapa
fresquinha.*

Maria do Rosário da Silva

Segundo contou Maria do Rosário, o açúcar mascavo era feito da seguinte forma: em um tacho, era colocada a garapa que devia ser aquecida em uma trempe. Quando ela entrava em fervura, aparecia uma espuma que devia ser tirada. Continuando na fervura e sempre sendo mexida, a garapa começava a secar e ia virando um melado. Ainda no fogo, o melado ia endurecendo cada vez mais e você devia continuar mexendo. Então começava a “embolar” e as mexidas tinham que “desembolar” o melado. Depois de um tempo, aparecia o açúcar mascavo.

SESSÕES DE TEATRO

Segundo Dona Lourdes, antigamente havia apresentações teatrais em Caetano Lopes e a população se empenhava muito para assistir aos grupos vindos de cidades vizinhas, lotando a plateia. Como não tinha luz elétrica, as sessões aconteciam iluminadas pela lamparina.

Para ir, ela precisava pedir autorização ao pai, que trabalhava na estação e ficava de lá espiando a ela e a amiga até que as duas atravessassem a linha do trem, pois, naquela época, essa travessia não era tão simples quanto hoje.

Ao chegar ao local da apresentação, Lourdes lembra que “eram de oito a dez pessoas que apresentavam. Elas vestiam de baiana com uma cestinha no braço, cantavam e dançavam.”

Com uma memória invejável, ela compartilhou conosco alguns trechos de músicas cantadas pelos grupos. Olha que belezinha!

*A estrela de tanto andar
Fez um caminho no céu
Eu conheço meu benzinho
Pela fita do chapéu*

*Baiana olha pra mim
Parece uma tentação
Ô moça não diga isso
Meu amor é do sertão*

*Tanta ilusão aqui na cidade
Lá no meio do sertão
É que se tem amizade*

*Tome a cestinha e meu chapéu
Que eu já me vou, me vou embora
O sol desponta já lá no céu
Sou de mamãe, de mamãe agora
Até amanhã, meu bom jardim
Não se esquecerão de mim.*

Após o fim da sessão, ainda seguindo a recomendação paterna, Lourdes e a amiga retornavam para casa enquanto o pai dela, da estação, novamente observava as meninas para ver se elas estavam cumprindo o combinado.

NOITE DE FOGUEIRA

Noutro tempo, como não havia luz elétrica na comunidade, era costume que as pessoas fizessem uma fogueira na beirinha da linha do trem para clarear a noite, para se aquecerem e ali se reuniam para conversar. No calor da chama, alguns até assavam milho e outros quitutes.

Quando o fogo ia terminando, alguns homens brincavam de atravessar as brasas com os pés descalços para impressionar a garotada. Ah! E toda essa farrá era regada por muita música tocada na sanfona de oito baixos do senhor Joaquim Romão. Contam que tinha uma música dele que era assim:

*Joaquim quer queijo
Joaquim quer pão
Joaquim quer tudo
Enquanto é bão*

CROCHÊ NO CORETO

As moças de Caetano Lopes gostam muito de crocheter. Conforme Sheila Cristina de Oliveira, certa vez houve um projeto realizado pela prefeitura que trouxe aulas para a comunidade. Na ocasião, as mulheres se juntavam no coreto da igreja para aprender a arte do crochê. Elas produziam diversas e lindas peças e também narravam muitas histórias entre elas. Para além das classes, algumas dessas mulheres produzem tapetes feitos de barbante, que são encantadores e podem ser comprados na comunidade.

FESTA DO CAVALO

A Festa do Cavalo é realizada há muitos anos em Caetano Lopes e a participação dos moradores é maciça. No evento, além de shows musicais e de barraquinhas, são realizadas cavalgadas pela região e no local da festa.

BATUQUE NA CAIXA DE CONGADO

O nome dele era Felisbino, mas as pessoas o tratavam como Teba ou Caroço. Animado, o homem tinha o costume de usar um uniforme de polícia e andar para todo lado batendo uma caixa no ritmo de congado. Como gostava muito de uma pinguinha, sempre que via alguém bebendo, pedia:

— Me dá um golitinho?

E as pessoas davam.

Felisbino morreu com mais de noventa anos e era muito querido por todos.

EMBARQUE MUSICAL

Segundo relembra Maria de Fátima Veado Santos, uma personalidade bem conhecida em Caetano Lopes foi o Seu Irineu, músico da Banda Intocáveis, que tocava seu instrumento enquanto esperava o trem. Era comum que as pessoas fizessem uma roda em torno dele para ouvir as belas canções e se deliciar com os dedilhados de seu violão.

FUTEBOL

O primeiro time do distrito chamava-se Alegria Esporte Clube e fazia a felicidade de muita gente que era apaixonada por futebol, tanto jogadores quanto torcedores.

Para animar as partidas, tinha a Rainha da Bola, a moça mais bonita, escolhida pelos jogadores e que, em jogos importantes, dava o primeiro chute para iniciar a partida. Maria da Conceição, conhecida por Biruca, ocupou este posto por muitos anos e sempre estava acompanhada de outras moças mais novas que cumpriam o papel de princesas da bola e desfilavam no campo.

Depois de um certo período, a equipe passou a se chamar Caetano Futebol Clube, nome que mantém até os dias atuais, participando de jogos amistosos, campeonatos locais e em cidades da região.

BAILES

Caetano Lopes sempre foi um local onde aconteciam muitos bailes, festas e comemorações. Aqui, vamos lembrar algumas mais antigas e outras nem tanto, mas que com certeza faziam a alegria dos moradores.

No tempo em que no distrito havia somente umas vinte residências, toda semana acontecia um forrozinho na casa do Seu Pedro Jacinto, tudo na base da sanfona. Nessa época, vinham até grupos musicais de outras cidades, tais como Entre Rios, São Brás do Suaçuí, Congonhas e Belo Horizonte para tocar e animar o pessoal. Depois foram chegando as vitrolas, que também eram apreciadas pela população festeira.

Outro local onde tinha muita festa era na casa de Balbino do Nascimento e de Maria Jacinto do Nascimento. Como a moradia dos dois tinha um terreiro grande na frente, cabia muita gente para cantar, tocar e dançar a noite inteira, além de várias comidas suculentas oferecidas pelas cozinheiras, que preparavam deliciosos quitutes com muito esmero.

Promovido por José André, afamado festeiro da comunidade, sua filha Maria de Fátima Veado Santos e Guilherme Augusto Ferreira, o “Baile da Saudade” era realizado de tempos em tempos e também tornou-se importante para a comunidade. Ao som de músicas antigas, os moradores dançavam de rosto colado as melodias que foram sucesso no passado.

Tinha também a festa em Santa Quitéria que a gente fazia cartazes para divulgar. Fazia desfile da “Garota do município”, vinha conjunto de fora para tocar, carro de som... Fazia forró arrasta pé. Eu lembro que os forros para enfeitar as mesas vinham de ônibus. Às vezes, o ônibus quebrava. Uma peleja!

Maria de Fátima Veado Santos

E como não poderia faltar, tinha e tem até hoje bloco de carnaval em Caetano Lopes. Criado por Ana Maria Felicíssima, conhecida por todos como Neném, e seu marido Jorge, o bloco hoje é mantido pela filha do casal. O “Fim de Carreira” anima os foliões e chama atenção até de pessoas da região que vêm para participar.

COMO SE NAMORAVA

O casal começava se olhando de longe. Se aparecesse o interesse, o rapaz ia pedir ao pai da moça se podia namorar com ela. Se ele dissesse que sim, o namoro, que não tinha nem beijo e nem abraço, iniciava em casa, com um sentado de um lado da sala e o outro no canto oposto. Depois de um tempo de conversa, pegava na mão, despedia e partia. Tinha hora marcada para chegar e para ir embora.

COMO SE CASAVA

Antigamente existiam muitos casamentos arranjados. Sendo assim, era comum que, quando um rapaz se apaixonava por uma moça, mas não era o pretendido para se casar com ela, os dois fugiam para ficarem juntos.

Acontece que essa realidade não era possível para todas as mulheres, pois a fuga trazia um rompimento com a família e, por isso, exigia uma imensa coragem. Então, diversas meninas casaram-se à força com seus muitas vezes desconhecidos pretendentes.

Quando era assim, segundo lembrou Maria de Fátima Veado Santos, ela ficava na janela de sua nova casa desolada, olhando para o céu. Certa hora, aparecia um urubu e a moça clamava ao bicho:

— Me leva de volta pra casa do meu pai!

SURPRESA NO DIA DO CASÓRIO

Antigamente, os pais e mães interferiam muito nos namoros e nos casamentos dos filhos. Era comum então que, caso o rapaz e a moça se interessassem um pelo outro e se apaixonassem, o casal tivesse que passar pela aprovação dos familiares.

Acontece que se a filha mais nova estivesse com o casamento encaminhado antes da mais velha, o jovem futuro esposo poderia ter uma estranha surpresa no dia do matrimônio: a troca da noiva. Sim, comumente, os pais substituíam a filha mais nova pela filha mais velha para que ela fosse a primeira a ser desposada.

OUTRAS CURIOSIDADES

No passado, se precisasse de médico, tinha que ir a Jeceaba e lá atendia somente um doutor, chamado Vitarelli. O padre rezava a missa de costas e em latim. Ele só virava de frente para os fiéis para dizer “amém”. Só dispunha de um rádio quem era rico. Todo mundo se comunicava olho no olho, e as crianças constantemente eram enviadas às casas dos tios, tias, avôs, avós, vizinhos e outros para dar os recados de suas mães e de seus pais. Algumas pessoas tiravam sustento a partir do trabalho de cozinhar o carvão e vender. O trem levava o produto para vários lugares em que dele necessitassem.

Quando alguém morria, se estivesse em algum lugar mais afastado de Caetano Lopes, tipo no Sumidouro, Coelho ou em outra vila, era feita uma padiola de bambu e tábua para carregar o corpo até um lugar mais acessível. Só aí o defunto era colocado em um caixão para ser velado e enterrado no cemitério atrás da igreja.

Caetano Lopes sempre foi uma região onde aparecia muita onça. Os felinos costumavam entrar nas fazendas e atacar os outros bichos, causando uma baita dor de cabeça aos fazendeiros, que ficavam no prejuízo. Inclusive, dizem que até hoje ainda costumam aparecer algumas onças na região.

A ESCOLA

Atualmente não tem escola em Caetano Lopes. Para estudar, crianças e jovens utilizam a lotação que os leva até Jeceaba e os trazem de volta para a comunidade todos os dias letivos. Mas, em outros tempos, com todas as dificuldades para se manter a instituição e a assiduidade dos alunos, havia uma escola.

Segundo contou Ana Maria Machado, filha de Maria da Conceição Martins Machado e João Machado Filho, nascida e criada em Caetano, o primeiro grupo escolar da comunidade foi onde hoje é a sua casa e contava com uma professora, chamada Glicélia, para ensinar os alunos.

Ana Maria tem uma bonita trajetória escolar, pois venceu vários desafios para cumprir seus estudos e se formar em um curso superior. Segundo recordou, após ela e seus irmãos estudarem em Caetano Lopes até o quarto ano, os rapazes deram continuidade à instrução fora do distrito, mas ela teve que parar os estudos temporariamente. Neste momento, um vizinho de nome Luiz Pinto, cujos filhos estudavam em Congonhas, convenceu sua mãe a buscar ajuda para que ela também pudesse estudar em outra cidade. Em conversa com a assistente social da empresa que seu pai trabalhava, a mulher a auxiliou a encaminhar os trâmites necessários e, em pouco tempo, Ana Maria estava matriculada. Ela foi morar na casa dos tios em outra cidade, onde estudou do primeiro ginásio até o terceiro magistério. Após esse período, ela ainda cursou Direito, tendo trabalhado como advogada grande parte de sua vida.

No distrito, depois surgiu a Escola Estadual Armênia Dias Lobo, que funcionava onde hoje atua a Associação de Moradores de Caetano Lopes e o PSF - Posto de Saúde da Família.

Quem doou o terreno para construção dela foi Pedro Lobo, pai da Armênia, que era a professora, e Hélio Lobo.

Vander Benvindo de Freitas

Todas as séries tinham criança: primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Quem tinha menos, tinha seis filhos, então enchia a escola. E atendia crianças também do Sumidouro, de Santa Quitéria...

Ana Maria Machado

Para quem morava na zona rural como a Rosolmira, a luta diária para estudar começava cedo.

A gente caminhava três quilômetros a pé para ir pra escola. Passava muito frio e vinha descalça. Tinha uma dona mais velha que carregava lata d'água na cabeça pras crianças beberem. Às vezes ela acendia um fogo para as crianças se esquentarem.

Rosolmira Magda de Oliveira Machado

Isso quando era permitido que a criança estudasse, pois, muitas vezes, por ter que ajudar a família nos trabalhos domésticos e na roça, algumas se mantinham analfabetas.

Além das professoras, a escola contava também com a equipe que fazia a merenda das crianças e mantinha o local limpo. Lourdes Martins de Freitas, mais conhecida como Dona Ciniza, trabalhou neste posto por muitos anos e com muito esmero.

Eu era cozinheira, merendeira, arrumadeira de sala, lavava banheiro, a cantina... Trabalhavam duas comadres junto comigo. A escola mais limpa que tinha por aqui era a de Caetano Lopes. Trabalhei nela por 26 anos. Depois trabalhei por cinco anos em Belo Horizonte e aposentei lá. As supervisoras rodavam todas as escolas, mas vinham merendar comigo. Eu cozinhava uma batatinha especial, tudo separadinho. Cozinhava no fogão a lenha. Cebolinha.

Arroz soltinho. Para fazer o molho eu preparava a cenoura, os tomates, a carne moída separada... Fazia tudo com muito capricho.

Lourdes Martins de Freitas

Dona Ciniza, contando sobre sua infância, lembrou que começou a trabalhar desde muito cedo e que além de ser uma ótima cozinheira, sabia fazer muitas coisas, pois ajudava sua família em diversas tarefas.

Meu pai tinha uma roda fiadeira de fumo, fazia rapadura, ralava farinha de mandioca... Ele tocando o serviço e nós ajudando. Quando eu era criança e estudava, eu chegava da escola, tinha meu prato de comida separado, depois eu ia lavar roupa, tirar água da cisterna... A roupa do pai era muito pesada, feita de brim duro. A poeira da estação ficava na roupa e dava muito trabalho pra limpar. O pai fazia vinho, fazia sabonete. Tinha uma horta com muita fruta: pera, manga, abacate, laranja de tudo que é tipo, jambo, uva, ameixa da branca e da roxa... tudo limpinho. As pessoas ficavam doidas pra saber como que ele dava conta de tanta coisa.

Lourdes Martins de Freitas

IGREJA DE SANTA ISABEL E O FESTEIRO JOSÉ ANDRÉ

A Igreja de Santa Isabel, de 1931, segundo contam, foi construída por Juquinha Bahia, Pedro Jacinto e José Brás Veado, que levava seu filho José André, ainda pequeno, para ajudá-lo na obra.

Após crescido, José André tornou-se um grande colaborador da igreja e um festeiro muito empenhado na realização das mais diversas celebrações da paróquia. Toda festa de Santa Isabel era ele quem preparava toda a programação, sempre com muita dedicação. “Quando começou a aparecer um gerador a óleo, ele colocou uma luz na festa da igreja que encheu de gente.” - relembra Nelson, seu filho.

Além das celebrações da padroeira, José também organizava a coroação de Maria no mês de maio, os terços, as novenas, as quermesses e os leilões.

Meu pai fazia questão de receber o povo que vinha, recebia folia de reis, banda de música. Era assim, tinha leilão, barraquinhas feitas de capim e ripas de madeira com pescaria e prendas, roleta... Com o dinheiro arrecadado, o pai conseguia pagar os cozinheiros que vinham para a festa.

Maria de Fátima Veado Santos

Fora da igreja, José André trabalhou como ferroviário, na função de guarda-chaves, como garimpeiro, como pedreiro e como fotógrafo, fazendo lindos registros. “A paixão do pai era a fotografia, carregava a máquina pra todo lugar. Ele sempre fazia questão de fotografar toda a festa. (...) Ele sempre dava notícia de tudo e passava para as pessoas daqui, tudo pelo Seletivo - que era um telefone especial que comunicava com o centro de controle das outras estações - Meu pai tinha amor por esse lugar, se a estrada atrapalhava, lá estava ele para arrumar, não é à toa que a estrada que liga Jeceaba a Caetano, leva o nome dele.”- lembra Maria de Fátima.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Muito bonita e bem construída, a estação de Caetano Lopes faz parte da vida de cada morador do distrito, seja pelas histórias de embarque, desembarque e passagem dos trens, seja pela presença imponente e encantadora da construção que serve como ponto de encontro e de referência para os moradores.

Quando funcionava como estação para embarque e desembarque de passageiros, era muito movimentada, tendo alto fluxo de pessoas e de animais, pois estes também embarcavam nos trens destinados a eles, tal como o trem boiadeiro.

Alguns contam que, antigamente, no momento em que o trem apitava anunciando sua partida, era comum ver as pessoas, principalmente os atrasados, correndo e se amontoando para não perderem o transporte. Outro fato curioso é que as crianças brincavam na estação rotineiramente e, para manterem a ordem, elas revezavam: em uma semana brincavam os meninos e na outra semana brincavam as meninas.

MORRO DO INHAME

O famoso Morro do Inhame é o protagonista das mais diversas histórias de assombração que os moradores locais contam. Situado na entrada da comunidade, atualmente, o espaço parece bem tranquilo, mas em outros tempos, com mais árvores que fechavam o caminho, fazia com que a população enfrentasse animais misteriosos surgidos do nada, pedras que rolavam do barranco e até servia de esconderijo para que os engraçadinhos pudessem pregar sustos nas pessoas.

Logo ao lado da estrada que corta o morro, corre um córrego que, antigamente, era ponto de encontro para aqueles que queriam descansar da subida ou se refrescar com água limpa para beber.

PEDREIRA

Perto da região do Sumidouro, tem uma pedreira onde, outrora, havia extração de ouro. Os fazendeiros enviavam seus escravos para trabalharem na retirada do metal e na construção de um túnel de acesso às partes mais profundas.

Hoje em dia, não há mais caminho para chegar até lá. Por muito tempo, foram encontradas ferramentas dos antigos trabalhadores, deixadas no local considerado assombrado. E o que contam é que toda vez que alguém tenta explorar a pedreira para ver se ainda tem alguma pepita, coisas misteriosas acontecem, como a pessoa levar uma coça e não saber quem bateu, ou aparecer um enxame de abelha que a ataca, ou surgem cobras pelo caminho. Então, o melhor é deixar essa pedreira bem quietinha no lugar dela.

PONTE DE FERRO E GAIOLINHA

Em épocas passadas, para atravessar de Caetano para o outro lado do rio na região do Esmeril, tinha uma ponte muito bonita, feita de ferro e em formato de passarela. Quando a lotação vinha de Congonhas e passava pelo Esmeril, deixava as pessoas perto do campo e elas vinham para Caetano pela tal ponte. Outro movimento comum na região eram as cavalgadas, que atravessavam por dentro do rio neste mesmo local.

Em 2012, houve uma enchente, que derrubou esta passarela, impossibilitando a travessia que era tão usada pela população da região. Até o ônibus deixou de fazer essa rota.

Do lado de lá do rio, de moradia, tinha e ainda tem até hoje, somente a casa de Maria do Rosário e de Zeca Machado. O jeito então foi construir uma “gaiolinha”, feita com ajuda de familiares e

da prefeitura, para que eles conseguissem realizar a travessia para Caetano por conta própria.

A “gaiolinha” funciona com um sistema em que a própria pessoa que será transportada puxa uma corda e vai movimentando-a. Embaixo dela, o rio corre em alta velocidade, provando que tem que ter muita coragem para realizar o tal feito. Maria do Rosário, esposa do Zeca, passa por seu rústico transporte todos os dias, pois ela vende queijo na região. “Ela é muito corajosa. Pode ser de dia, de noite, no sol ou na chuva, ela atravessa o rio puxando a corda.” - contou Maria do Rosário da Silva, sua comadre com o mesmo nome da amiga.

VENDAS, BARES E MERCEARIAS

Em Caetano Lopes já existiram vários bares, vendas e mercearias para atenderem aos moradores nas mais diversas necessidades, tanto de consumo quanto de diversão e entretenimento. Aqui vamos conhecer alguns desses estabelecimentos lembrados pelos entrevistados, porém, sabemos que muitos outros existiram, compondo a história do comércio do local.

Bar do Magno

Sheila lembra que quando se mudou para Caetano Lopes, há uns dez anos, seu pai abriu um bar, e que eles realizavam forrós bem animados no estabelecimento. Na ocasião, vinham pessoas de várias localidades para curtir a festança.

Venda do Benvindo

A venda do Benvindo era daqueles lugares onde se encontrava de tudo: tecidos, alimentos, panelas, colheres, ferramentas de trabalho, etc. Localizada em frente à estação ferroviária, recebia o carregamento de mercadorias vindas de outros lugares para atender à região de Caetano Lopes, Santa Quitéria, Plataforma e São Brás do Suaçuí.

Meu avô, a terra natal dele é São Brás do Suaçuí. (...) Ele tinha uma visão muito grande. Ele lia muito jornal e ficava muito informado. Então, pelo que meu pai e meu tio contam, ele saiu de São Brás e veio montar essa venda em Caetano Lopes. E era o maior comércio daqui, que abastecia Caetano Lopes e a região.

Vander Benvindo de Freitas

Vander contou-nos que lembra que a comida era retirada dos vagões e carregada em sacos para o armazém. Lá, os alimentos eram colocados em caixotes divididos e vendidos a quilo para a população. “Sabe aqueles pacotes de papel? Era pesado naquelas balanças, por exemplo, você colocava o que fosse comprar de um lado e o peso do outro.” - lembrou Maria do Rosário da Silva.

Venda do Siloca

Instalada na garagem de sua casa, na rua de cima, a venda do Siloca tinha de tudo. Sheila lembra que, no fim de semana, quando alguém queria comprar um frango, podia ir até lá, que encontrava. Ainda em suas recordações, ela disse que seus pais falavam que o Siloca conseguia entender tudo que os compradores queriam, até mesmo as crianças pequenas que nem sabiam falar direito, quando elas chegavam na venda e pediam:

— Me vê um suco de maracataia!

Quando queriam dizer maracujá. Além do suco, os pequenos também adoravam os biscoitos de polvilho vendidos pelo Siloca e sempre corriam até a venda para adquirir as deliciosas torradinhas quando chegava o carregamento. Ali, tudo era anotado em uma caderneta de papel e podia ser pago no fim do mês.

Boteco do Seu Américo

Boteco conhecido em Caetano Lopes por, em certo momento, ser palco das horas dançantes que embalavam a comunidade que gostava de se divertir com música boa. Segundo lembrou Ana Maria, “os discos de vinil rodavam à solta com MPB, com a turma da Jovem Guarda, Capital Inicial, Engenheiros do Hawaii, Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, ABBA, Simon & Garfunkel....”

Bar e Mercearia Caetano Lopes

Tocada por Paulo Sérgio da Silva e atualmente em funcionamento no distrito, é a mercearia onde você pode encontrar insumos de que necessita no dia a dia. O local também funciona como bar, atendendo àqueles que queiram tomar uma bebida e bater papo após o trabalho.

Ainda compondo a listagem dos bares e comércios, Sheila lembrou do Bar do Edinho, da Barbearia do Zé André, do Bar do Jorge, do Altas Horas, do Bar do Adriano e da Estação Real.

CULTURA POPULAR E SABERES

PARTEIRAS DE CAETANO LOPES

No tempo antigo, quando a moça começava a sentir as dores do parto, que anunciavam o nascimento de seu filho ou filha, era comum que alguma criança mais velha, irmão ou vizinho, fosse chamar a parteira. O nascimento acontecia, na maior parte das vezes, na própria casa da mulher, e os cuidados no período após o parto, chamado de resguardo, eram levados muito a sério.

Depois que ganha o neném, a mulher tem que ficar fechada no quarto por quarenta dias. Toda coberta, toda embrulhadinha com roupa fechada. Todo dia tem que tomar uma cachaça e comer uma galinha. Que é pra reagir. São quarenta cachaças e quarenta galinhas. Se os filhos mais velhos quiserem falar com ela, tem que ser pela gretinha da porta.

Nelson Lobo Veado

Em Caetano Lopes, existiram várias parteiras que, com sabedoria, prontidão e generosidade trouxeram muitas crianças ao mundo. Algumas delas são: Maria Bilinha, Maria Terra, Dona Finoca, Patrocínia e Olga Rabelo. Olga, também chamada por Bebém, era mãe de Emilce, que lembrou. “Ela era uma pessoa muito boa e que ajudava todo mundo. Era uma pessoa que saía para ajudar numa casa, se na outra precisasse dela, ela já ia direto. Qualquer coisa... uma briga que tinha, ela ia na casa resolver. Uma doença, ela ia lá olhar. Se tava chovendo, ela ia. Os maridos de antigamente eram muito bravos e as donas não podiam conversar com ninguém, só com ela. Ela dava conselho, apaziguava as confusões...”

Dessa maneira, Dona Olga atendeu e ajudou muita gente em Caetano Lopes e região por aproximadamente trinta e quatro anos, quando começou a se sentir um pouco mais cansada para realizar alguns atendimentos.

Certa madrugada, ela e sua filha Emilce estavam em casa quando foram surpreendidas pela irmã de uma moça pedindo ajuda desesperadamente:

— Bebém, a senhora precisa ir lá em casa. Minha irmã está em trabalho de parto, parece que a criança já vai nascer, não dá mais tempo de levá-la para a cidade.

Era uma madrugada fria, caía do céu uma chuva fininha e, além disso, o trem estava parado na linha, obstruindo a passagem dos pedestres, que teriam que passar por baixo dos vagões ou dar uma imensa volta para chegar do outro lado, local onde a moça morava. Foi então que Bebém chamou sua filha e lhe disse:

— Emilce, menina! Eu não posso ir. Hoje, você que vai.

— Que isso, mãe!

— Você já me assistiu fazer muitos partos. Eu sempre te disse que se um dia eu precisasse faltar ou não estivesse aqui, era você que ia me substituir. Você vai.

— Tá bom, mãe. - respondeu Emilce, muito apreensiva, mas entendendo que, naquele momento, era o que deveria ser feito.

A menina trocou de roupa, agasalhou-se bem e, antes que saísse, recebeu a última recomendação de sua mãe:

— Não deixa esse menino morrer e nem a mãe. Chega rápido lá, ajuda a moça. Depois que ele nascer, você pega o cordão umbilical, mede quatro dedos a partir do umbigo do neném, amarra e corta.

— E depois disso, mãe, o que eu faço?

— Dá um jeito.

E assim, Emilce, seguindo o legado materno, foi, ajudou na realização do parto e salvou a criança e a mãe.

Após o nascimento desse primeiro menino, que por outras histórias acabou se tornando seu filho de criação, outras crianças nasceram por suas mãos, provando que a família veio mesmo com o dom de ajudar na chegada de novas vidas.

BENZEÇÃO

Outrora e ainda hoje, as pessoas que estão enfermas (física, mental ou espiritualmente) recorrem aos benzimentos para encontrar soluções para diferentes males.

Na zona rural, como faltavam atendimentos médicos à população, o feito era mais recorrente do que se possa imaginar e, muitas vezes, visto como única opção de atendimento imediato.

Quando alguém era picado de cobra, corria no benzedor para se salvar. Depois que ia pro médico na cidade.

Nelson Lobo Veadó

Dotadas de muita fé e bondade, as benzedadeiras não mediam esforços para trazer conforto e alívio a quem necessitasse de alguma ajuda em Caetano Lopes. Aqui vamos saber de algumas delas e tomar conhecimento de acontecimentos impressionantes a partir das benzeções.

Benedeira Maria da Conceição N. Gomes - Biruca

Maria da Conceição, mais conhecida como Biruca, apelido dado carinhosamente pelo seu tio que, certa vez, disse que biruca significava “comedeira de açúcar”, sempre foi muito conhecida na região. Primeiro, porque era considerada a mulher mais elegante da comunidade, estando sempre muito bem vestida, usando saltos, brincos e com o cabelo bem arrumado. Segundo, porque ela era uma benzedeira que atendia muitas pessoas em Caetano Lopes e região.

Eu benzia contra quebranto, mal olhado, dor de dente, dor de cabeça, erisipela, espinhela caída e outras coisas. Muita gente ia benzer comigo, muita gente de fora. Vinha uma vez, vinha a segunda já sem sentir nada, mas tinha que vir a terceira porque benzeção tem que ser uma ou três vezes.

Maria da Conceição N. Gomes

Biruca conta que, certa vez, uma senhora foi até a sua casa com a perna muito inchada e sentindo fortes dores. Ela tinha erisipela. A mulher foi benzida pela primeira vez. Quando apareceu uma segunda vez para dar continuidade ao processo, Maria a perguntou:

— E você sentiu melhorar alguma coisa? Como você está?

Foi então que a mulher adoentada respondeu:

— Parece que despejaram uma lata d'água na minha cabeça e na minha perna. Esfriou tudo. Foi um alívio muito grande. Eu já não comia, agora estou comendo. Quase não dormia e agora estou dormindo. Eu estou quase boa.

De tão agradecida, a senhora queria pagar pelo benzimento, mas Biruca lhe explicou:

— Essas coisas não se pagam, quem cura é Deus. Eu tenho fé e as pessoas que me procuram também têm fé, por isso se curam.

Além das benzeções, ela também fazia simpatias e xaropes para necessidades específicas e não media esforços para ajudar todos que a procuravam.

Benedeira Etelck Pereira - Teka

Dona Teka tem 90 anos e é mais uma das conhecidas benzedeadas da região. Atualmente vivendo em Jeceaba e extremamente solícita com quem a procura para receber benzimentos, ela contou como aprendeu a técnica.

“Minha mãe chamava Patrocínia, era parteira, raizeira - tratando de muita gente com ervas, chás e raízes - e benzedead. Certo dia, ela chegou pra mim e perguntou:

— Minha filha, você quer continuar e passar pra frente o que eu sei?

E eu respondi:

— Quero.

— Então, depois dos seus 35 anos, eu vou te ensinar.

E foi assim que minha mãe me ensinou a rezar para as pessoas.”
- lembra, Etelck Pereira.

Aos 36 anos, Etelck, seguindo os ensinamentos maternos, começou a benzer as pessoas. Seu primeiro benzimento foi de coluna. Na sequência, ela atendeu gente com vento virado, mau olhado, torção, berne e outros males. Conheça a seguir um pouco de como funcionam algumas benzeções.

Para benzer coluna: “Benze na porta e depois usa a cana roxa. Cana jaula, aquela roxa, bem fininha. Bem dura. Mede sua altura dos pés à cabeça e corta a cana. Faz dois cortes: um da esquerda para baixo e outro da esquerda pra cima e coloca embaixo do colchão que você dorme. Quando a cana secar, sua coluna sara. Isso benzendo junto. A cana tem que estar com o pé pra cima, pro lado do travesseiro, e a ponta pra baixo.”

Para benzer vento virado: “Deita a criança no colo da gente e vai fazendo cruz no corpo dela, na boca do estômago. Depois, segura nos pezinhos da criança, vira ela de cabeça pra baixo e fala assim: (nome da criança) - Deus te fez, Deus te criou. Retire esse mal que no seu corpo entrou. Em nome de Deus eu te benzo, nas três pessoas da Santíssima Trindade, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém. - A criança fica bem rapidinho. Ah! E quando o vento virado está passado, tipo que tem mais de mês... aí tem que benzer três vezes.”

Para benzer mau olhado: “Fala o nome da pessoa e tem que rezar o credo com o terço na criança falando o nome dela.”

Para benzer torção no corpo: “Tem que ter um novelo de linha para coser a torção. Você vai enfiando a agulha no novelo de linha e vai passando e falando as palavras. Faz isso três vezes. Depois, torna fazer mais três vezes. E mais três vezes. Falando a mesma oração. À medida que vai cosendo, vai tirando a dor.”

Para benzer berne: “Põe a mão em cima do lugar que tá o berne e pensa calmamente em algo tranquilo. Faz a oração. Depois que você fez o em nome do pai é que você tira do dedo de cima de onde está o berne. Ele começa a apontar, você aperta só um pouquinho e ele sai.”

Com tanta experiência, Dona Teka tem muita história para contar. Uma delas é o caso do rapaz que sentia muitas dores, estava amargurado e achando que ia morrer, pois suas costas fisgavam o dia todo. Desolado, o homem procurou ajuda. “Eu falei pra ele tirar a camisa pra eu olhar as costas dele. Só de eu olhar, os bernes começaram a apontar. Fiz o benzimento e fui tirando os bernes, um a um, saíram oito.” Outro, é o caso do menino que a mãe levou até Etelck porque ele estava com um problema no nariz. Ela o benzeu e rapidamente o berne apontou fazendo com que ele ficasse novamente saudável. E tem também o impressionante caso de uma criança, que estava desenganada pelos médicos, mas que foi curada por Teka.

“Chegou lá em casa uma dona muito preocupada com o filho que tinha ido no hospital e o médico tinha falado que ele estava com um tumor na cabeça. A mãe dele ficou triste e desesperada e perguntou para as pessoas quem sabia de alguém para benzer e eles me indicaram. O menino sentia muitas dores na cabeça. Ele dizia que algo o ferroava e gritava de dor. Eu cheguei perto dele e disse:

— Ô filho, não fica com medo da vovó não que ela vai sarar ocê. Vou tratar seu dodói com carinho, vou benzer ocê e tirar o dodói da sua cabeça.

Aí eu benzi a cabeça dele e coloquei o dedo em cima da parte inchada pra fazer um carinho. De repente, o bicho começou a apontar. Era um bruta de um berne. Peguei uma pinça e puxei o resto. A mãe do menino ficou muito agradecida. Voltou no médico e disse:

Tem três meses que eu tô tratando desse menino com dor de cabeça e o senhor não sabia o que era. Olha aqui o que que era... berne! A dona lá de Jeceaba tirou pra mim.

— Ela é médica? Ela é espírita? O que ela é? - perguntou o médico.

E a mãe respondeu:

— Ela é benzedeira.” - lembrou Etelck Pereira

As histórias são muitas e a crença nos benefícios das benzeções é algo extremamente presente no distrito de Caetano Lopes. No dia da entrevista com Dona Etelck, ela benzeu a coluna do Seu Milton, que estava doendo há alguns dias, e que nos acompanhava nas conversas com algumas pessoas da comunidade. Mais tarde, ela também benzeu esta autora que aqui escreve de um possível mau olhado ou vento virado. O que posso afirmar é que saí de sua casa com um bem-estar muito grande e repleta de gratidão pelo benzimento com tamanha fé e carinho.

BENZEÇÃO DA CHUVA

Em caso de tempestade, a pessoa deve rezar com fé a seguinte oração: “Tempestade, acalma-te em nome de Jesus!” Na mesma hora, a chuva diminui e os perigos são afastados.

ORAÇÕES PODEROSAS PARA AMANSAR CAVALO

Senhor Itamar contou que quando um peão ia montar num cavalo bravo, ele tinha que subir no bicho e começar a rezar a Oração do Credo. Na hora que chegava na parte que diz “estou sentado”, o bicho podia pular o que fosse que não saía do arreio e o peão não caía. Então, você pedia a bênção de amansá-lo. Depois que conseguisse a graça, terminava a oração. A mesma coisa poderia ser feita com a Salve a Rainha, tendo que ser rezada até “mostrai”.

ORAÇÃO DE SANTA CATARINA

Contam que essa oração é tão poderosa, que caso alguém morasse de um lado do rio e ele estivesse cheio, não permitindo a passagem para o outro lado, a pessoa deveria rezá-la. Durante a noite, algo misterioso acontecia e, na manhã seguinte, o indivíduo acordava do outro lado do rio, inexplicavelmente.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

Se eu comer uma coisa quente, eu não bebo nada frio, nem água. É por isso que eu tô vivendo até hoje.

Lourdes Martins de Freitas

Que o povo mineiro carrega uma cultura de muitas crendices e superstições no dia a dia a gente já sabe, né? Então vamos conhecer algumas para saber qual ou quais delas a gente também segue e acredita.

Se torrar café, não pode sair de casa, nem tomar vento, se não você entorta. Se passar embaixo da escada, não cresce mais. Pepino com cachaça, não pode. Quando o pessoal antigo comia pepino para tirar o gosto da cachaça, passava um mal danado. Pepino com ovo, também não. Jabuticaba e laranja, só pode tirar do pé para comer depois que amadurecer tudo. Garapa depois do almoço dá congestão. Se comer arroz quente, não pode beber água depois. Arroz doce só se come frio. Não pode levantar da cama descalça ou descalço. Se estiver armando chuva, reze a oração magnífica, que espalha as nuvens. Quando chove, tem que tapar os espelhos. Se estiver relampejando, queima o rosmaninho dentro de casa. Manga com leite não pode misturar de jeito nenhum.

Meu pai chupou manga de manhã e depois tomou leite quente direto do peito da vaca. Quase morreu.

Minha avó teve que levar ele pra fazer lavagem.

Célia Ribeiro

Segundo Seu Juca Marciano, um dos antigos benzedores da região, depois que benze a pessoa, ela não pode comer nem sal e nem gordura por um tempo, só assim ela fica salva de seus males.

DEFESAS DOS ANTIGOS

Dona Geni conta que quando ela era criança, certo dia, perguntou ao seu avô:

— Ô vovô, o senhor não tem medo de andar sozinho no Taquaral, não? Pode ter uma cobra, uma onça...

E ele, que era um homem pequenininho, respondeu:

— Nada me pega, minha neta. Eu tenho minhas proteções.

Segundo sua lembrança, seu avô andava com uma foicinha para cima e para baixo e não pensava duas vezes antes de usá-la se visse um perigo no seu caminho.

Outro artifício usado por alguns era uma espécie de bengala. Dentro dela, também conhecida como “pau de mulato”, fazia-se um furinho com uma broca e colocava-se um dente de cobra. “Aquele dente de cobra, onde ocê batesse ele, doía na perna da pessoa que ela até desanimava de viver. Essas eram as defesas dos antigos.”- lembrou Itamar José da Silva.

NA ÉPOCA DE QUARESMA

Na época de quaresma, quando dava umas cinco, seis horas da tarde, todo mundo entrava para dentro de casa e ficava quietinho morrendo de medo de ver lobisomem, mula sem cabeça ou outras assombrações que costumavam dar o ar da graça nesse período. As crianças costumavam dormir, sem sono mesmo, pra ver se passava o medo.

Juliane Aparecida da Silva

ANTIGUIDADES DAS FAZENDAS

A região de Caetano Lopes possui algumas fazendas de tempos remotos que, com certeza, carregam diversas histórias. Certa vez, Itamar foi trabalhar em uma delas, a qual ficava nos arredores de Santa Quitéria. O lugar era muito antigo, todo feito de pau a pique e ele iria arrumar o telhado da casa principal. Para preservar os conteúdos dos quartos e salas, todos os objetos da fazenda tinham sido colocados num dos cômodos e cobertos por uma manta grande.

O Seu Itamar, curioso que era, mal podia esperar para averiguar tudo que tinha por lá.

Eu fiz o serviço, mas na hora do almoço corri pra ver os balaios embaixo da manta. Tava cheio de livro, escritura, caderno, tudo manual, escrito a pena. Eu fui futricando aquilo, mexendo... até que eu achei a Oração Breve de Roma, que tinha sido escrita quando eu tinha dois anos, e um livro de mágica. Aí eu aprendi muita coisa. Li até sobre hipnotismo e magnetismo. Eu estudei aquilo, eu queria saber das coisas.

Itamar José da Silva

Sempre dotado de muita fé, atualmente Seu Itamar é evangélico e deixou de lado muita coisa que encontrou nessa fazenda e em outros lugares no decorrer de sua vida. Mas certamente toda a sua trajetória em busca de conhecimento sempre foi pensando em seu bem, no de sua família e no bem das pessoas.

RECEITAS FAMOSAS

Dona Maria da Conceição Martins Machado, mãe de Ana Maria, fazia uns biscoitos muito famosos em Caetano Lopes. Na época, o conhecimento dava-se principalmente por meio da prática.

O termômetro da minha mãe era a mão. Ela enfiava a mão no forno e sabia, né. E tinha todo um ritual. Fechar o suspiro do forno com folha de bananeira, colocar uma camadinha de brasa na frente do forno. Todo um ritual.

Ana Maria Machado

Deu água na boca, né? Então corra para a cozinha para fazer as receitas que a Ana Maria ensinou pra nós.

Doce de Leite

Ingredientes:

10 litros de leite

2 litros de açúcar (ou 10 copos americano bem cheios)

3 cascas de canela

Modo de fazer:

Coloque o açúcar com o leite e a canela no tacho (de preferência de cobre). Leve ao fogo alto até abrir fervura, mexendo sem parar com colher de pau, até que o açúcar se dissolva totalmente. Assim que dissolver, fique um tempo mexendo de vez em quando. Depois que engrossar (tipo leite condensado), mexa sem parar até ficar numa consistência pastosa (mais pra mole). Despeje numa vasilha e deixe esfriar sem tapar. Se desejar, polvilhe canela em pó.

Arroz Doce

Ingredientes:

1/2 kg de arroz

2 litros de leite

1 caixa de leite condensado

2 cascas de canela

Açúcar a gosto, para completar o doce

Modo de fazer:

Cozinhe o arroz e a canela na água (sem cozinhar muito). Acrescente o leite fervido ainda quente e aos poucos, bem como o açúcar, até o ponto desejado. Depois de cozido, despeje em uma tigela e polvilhe canela em pó.

Bolo de Fubá

Ingredientes:

1 litro de coalhada
1/2 kg de fubá mais ou menos
1 e 1/2 xícara de açúcar
1 xícara de óleo
2 colheres (sopa) de manteiga
1 colher (café) de bicarbonato de sódio
1 colher (sopa) de fermento royal
1 pitada de sal
3 ovos
Farinha de trigo até o ponto pastoso mole.
Erva doce a gosto

Modo de fazer:

Na batedeira, deixe o fubá de molho com a coalhada e o açúcar por aproximadamente uma hora. Em seguida, acrescente os demais ingredientes, exceto a erva doce, farinha de trigo e fermento. Acrescente, aos poucos, a farinha de trigo e bata a massa até ficar homogênea, no ponto pastoso mole. Acrescente o fermento e a erva doce. Despeje em forma untada e polvilhada com farinha de trigo e leve ao forno quente por 50 minutos aproximados.

Biscoito de Polvilho Azedo

Ingredientes:

2 quilos de polvilho azedo
3 canequinhas de água (aproximadamente 600 ml)
1 canequinha e meia de óleo ou gordura suína (aproximadamente 300 ml)
1 colher (sopa) rasa de sal
6 ovos
Leite ou água até a consistência pastosa, mais dura.

Modo de fazer:

Ferva o óleo ou gordura com água e sal juntos e escale o polvilho, mexendo para ficar um escaldo uniforme. Assim que esfriar um pouco, sove até ficar como uma farofa. Bata os ovos como para uma omelete. (Dona Maria costumava misturar um pouco de leite no ovo batido). Em seguida, vá despejando aos poucos e misturando com a mão. Complete a consistência pastosa com água ou leite. Estando homogênea a massa, alise-a com a mão untada de óleo. Deixe a massa descansar por uma hora mais ou menos até ela desandar, ou seja, perder um pouco da liga. Enrole os biscoitos na forma de confeitaria lisa, no diâmetro de meio centímetro mais ou menos. Dê preferência a formas retangulares, de lata e untadas. Leve ao forno quente e controle a temperatura depois que crescer, para secar.

REMÉDIOS NATURAIS

Aqui vamos falar das raízes, plantas e receitas caseiras que já curaram muita gente dos mais diversos males, tanto no passado, quanto nos dias de hoje. Afinal de contas, quem é que nunca tomou um chazinho para sarar uma dor de cabeça ou uma dor de barriga? Quem nunca usou das artimanhas das ervas para ter uma melhor noite de sono ou para serem aliadas no combate de doenças que são tratadas com remédios alopáticos? A natureza nos oferece poderosas medicinas naturais e aqui vamos conhecer algumas.

- *As informações aqui contidas não têm comprovação científica e sim são baseadas na cultura popular das raizeiras e raizeiros de Caetano Lopes;*
- *O conteúdo aqui descrito não dispensa a avaliação de um profissional da saúde para tratar possíveis doenças;*
- *O nome das plantas pode variar de lugar para lugar ou até mesmo sofrer modificações. Aqui será escrito conforme foi ouvido no ato das entrevistas com os moradores de Caetano Lopes;*

ERVA OU FRUTO	INDICADO PARA	FORMA DE USO
Amora branca	Dor de garganta.	Gargarejo.
Aranto	Câncer e problema de estômago.	Macere as folhas em um copo com água e depois beba a água ou faça um chá.
Arnica	Dor muscular.	Macere as folhas, adicione água e álcool e deixe esta solução tampada. Passe diretamente na pele no caso de dor.
Arranha gato	Dores.	Chá.
Assa peixe doce ou alfavaca	Problemas de pulmão.	Chá com as folhas do assa peixe adoçado com o mel da abelha do mês de agosto.

ERVA OU FRUTO	INDICADO PARA	FORMA DE USO
Azeitona do mato, amora roxa e fruta do lobo	Diabetes.	Parta as talhas dos frutos, coloque em um copo com água e deixe na geladeira. Tome um golinho de manhã e depois ao longo do dia.
Babosa	Saúde de forma geral. <i>“Amarga bem. É antibiótica, anestésica, contra infecção e previne câncer.” (Nelson Lobo Veado)</i>	Tire os espinhos da planta de um lado e do outro, abra ao meio, retire a poupa e mastigue. Para machucados, passe a poupa direto na pele. E para hidratação do cabelo, passe a poupa nos fios mecha por mecha.
Bálsamo	Distúrbios gástricos, reumatismo, artrite, abscessos, eczema e psoríase.	Compressa, passar a planta no local a ser tratado e chá.
Barbatimão	Cicatrizante.	Chá ou compressa.
Besouro	Indisposição de fígado, estômago e intestino.	Chá.
Boldo	Ressaca.	Macere algumas folhas da planta em um copo com água e beba a água amarga.
Boldo chileno	Estômago.	Chá.
Buta jarrinha	Normalizar a pressão.	Chá.
Cabelo de milho	Rins.	Chá.
Camboatá	Dores em geral.	Tome sete banhos por dia com sete folhas em cada banho.
Camburana ou Emburana ou Amburana	Problema de rins ou para soltar o intestino.	Chá.
Canela de velho	Dor nas pernas.	Chá.
Caroba	Gordura do sangue.	Chá ou banho preparado com as folhas.

ERVA OU FRUTO	INDICADO PARA	FORMA DE USO
Carqueja	Fígado e regular a glicose.	Chá. <i>“Todo chá margoso é um santo remédio pro nosso organismo.”</i> <i>(Itamar José da Silva)</i>
Cipó de São João	Manchas e vitiligo. É antibacteriana, antifúngica e antioxidante.	Chá.
Cipó prata	Rins e bexiga, cistite, gota e diminuição do ácido úrico.	Chá.
Congonha Bugre	Insônia.	Chá das folhas.
Erva Santa Maria ou Mentrasto	Sintomas e doenças de reumatismo, rinite, sinusite, gripes, resfriados, dentre outras.	Chá.
Espinheira santa	Estômago (gastrite e dores).	Escalde a espinheira santa e vá tomando aquela água ao longo do dia.
Feijão preto	Infecção na unha.	Banhe a unha com o caldo do feijão preto e aguarde. A unha infeccionada cairá e a nova crescerá saudável.
Garrafada com funcho, salsa e vinho	Mulher que está com dificuldade para engravidar.	Faça a garrafada com raiz de salsa, raiz de funcho e vinho. Deixe descansar por 9 dias. Depois, tome meio cálice antes do almoço e meio cálice antes do jantar até terminar a garrafa.
Goiabeira	Dor na barriga.	Chá das folhas.
Jatobá	Fortificante e combate a problemas respiratórios.	Chá da casca.
Limão com bicarbonato	Queimação no estômago.	Em um copo com um pouco de água, esprema um limão, jogue uma colher pequena de bicarbonato, misture tudo e beba.

ERVA OU FRUTO	INDICADO PARA	FORMA DE USO
Losna	Sistema digestivo e para desintoxicar o fígado.	Chá ou mastigue a folha.
Marcela ou Macela	Indisposição do fígado ou estômago.	Chá.
Mata passo ou Mané mago	Dor na barriga e problema no intestino.	Chá. <i>“Ele tem um florzinha roxa e o besouro começa a comer ela. A gente chama de chá de besouro.”</i> <i>(Itamar José da Silva)</i>
Melão de São Caetano	Diabetes, colesterol e resfriado forte.	Chá.
Melissa	Insônia, depressão, dores de cabeça, perturbações gástricas e problemas circulatórios.	Chá.
Ora pro nobis	Dor e infecção.	Colha, lave e mastigue a folha da planta.
Panacéia	Rins.	Chá.
Picão	Inflamações (artrite). É antioxidante, diurético, antiespasmódico.	Chá.
Poejo	Gripe forte com chiado no peito.	Chá com as folhas e caule. Depois de pronto, misture uma colherzinha de banha de galinha.
Poejo, hortelã e funcho	Resfriado de criança.	Chá.
Romã	Dor de garganta.	Chá ou gargarejo.
Salsa e Funcho juntos	Bronquite.	Chá de raiz de salsa e raiz de funcho juntos. O chá tem que ser dado no dia da lua minguante.
Semente de abóbora e sal de Glauber no vinho	Eliminar solitária.	Coloque semente de abóbora e sal de Glauber no vinho. Deixe o sal diluir. Quando estiver completamente líquido, está pronto. Tome a poção

ERVA OU FRUTO	INDICADO PARA	FORMA DE USO
		de manhã, em jejum. Após isso, coma uma colher de farinha de semente de abóbora e espere. Não beba água, nem café enquanto o remédio não fizer efeito e a solitária sair nas fezes.
Semente de sucupira	Excesso de ácido úrico. Serve também no combate a amigdalite, artrite, asma, diabetes e dores de garganta.	Chá.
Solidônia ou Celidônia	Infecção nas vistas.	Chá com as folhas da planta, deixe esfriar e banhe os olhos.
Suma branca e Suma roxa	Furúnculo, perebas na pele e abscesso. <i>“Quando dá um ou dois furúnculo, se você não tomar o chá, dá sete furúnculo no corpo da pessoa.”</i> (Etelck Pereira)	Chá. Pode ser feito tanto com a suma branca, quanto com a suma roxa. Misture meia xícara de chá de suma com meia xícara de chá de leite e tome.
Trançagem ou Tanchagem	Inflamação. É antibacteriana, desintoxicante, expectorante, analgésica, anti-inflamatória, diurética, laxativa, sedativa.	Chá com a planta inteira, incluindo a raiz.

Ah! E não para por aí! Existe uma receita coringa que promete tratar várias enfermidades e que é conhecida pelo nome doutor azeite. Já ouviu falar? Essa prosa quem contou foi o Seu Itamar, mais conhecido como Bié.

DOUTOR AZEITE

Quando o Seu Itamar era menino, seus pais tratavam todas as possíveis enfermidades dos filhos com azeite.

“A pessoa tinha uma gripe, purgante de azeite, tinha uma dor de cabeça, purgante de azeite, tinha uma estrepada, azeite, tinha uma febre, azeite. Qualquer coisa, curava com azeite.” - contou Seu Bié.

Para fazer esse santo remédio, sua mãe socava a mamona, retirava o óleo e fazia o xarope. Acontece que o negócio era ruim demais e, às vezes, as crianças até preferiam passar mal a tomar o tal do purgante de azeite.

Certo dia, contou Itamar, ele era menino novo, e seu pai chegou na porta de seu quarto e disse:

Vamos embora, que tá na hora do serviço. Levanta da cama e vamos trabalhar!

Mas o dia estava tão frio e ele com tanta preguiça, que resolveu fingir para o pai que não estava passando bem:

— Ô pai, hoje eu não vou, não. Parece que eu tô passando mal.

— Vambora, menino! Deixa de ser manso, bora trabalhar!

Tentou o pai mais uma vez e nada do filho se levantar. Percebendo que teria que ir pra roça sozinho, ele então desistiu da empreitada de levar o filho, mas, antes de sair, chamou sua esposa, mãe do menino e disse a ela:

— O Bié não pode trabalhar hoje não porque ele tá passando mal, cê faz um purgantinho de azeite pra ele.

Bastou ouvir “purgantinho de azeite” que o menino deu um pulo da cama num instante dizendo:

— Eu já tô bão, pai. Tô passando mal mais não.

PARTE II

HISTÓRIAS

QUE CONTINIAM

POR AQUI

Histórias de trem, travessuras, histórias engraçadas, casos de assombração e até de animais misteriosos; tem de tudo um pouco nas memórias de Caetano Lopes que registramos.



AMOR NA BEIRA DOS TRILHOS

Maria da Conceição sempre foi conhecida por sua elegância. Pelas ruas de Caetano Lopes, ela andava muito bem vestida e com os cabelos bem penteados. Sua família morava na rua em frente à linha, e diariamente ela tinha o costume de ficar na janela quando o trem passava, observando o movimento dos passageiros.

Numa tarde, enquanto Maria olhava os vagões passarem por diante de seus curiosos olhos, ela avistou um rapaz que estava dentro do trem e suspirou:

— Que belo moço!

No mesmo momento, ele também a viu na janela de casa, colocou a cabeça para fora do vagão e pensou:

— Que bela moça!

Os olhares dos dois se encontraram como acontece nas mais belas histórias de amor. E o que seguiu a este dia é que todas as vezes que Maria ouvia o som do trem, corria para sua janela ansiando por ver aquele rapaz. O moço, por sua vez, passou a sentar cotidianamente no banco com a janela que dava para a casa de sua pretendida e quase se dependurava para fora do vagão para não perdê-la de vista. Todos os dias eles se viam e se admiravam um ao outro.

Certo dia, o rapaz tomou uma atitude, desceu do trem e foi até a casa de Maria pedir a seus pais para que deixassem os dois namorarem. A resposta foi positiva. Do namoro veio o casamento com direito à festa no meio da rua em frente à estação, muitos convidados, parentes, amigos, vizinhos, vinte e dois frangos, pernil e muitas outras gostosuras.

Maria da Conceição lembra que ganhou o vestido de uma pessoa e a grinalda de outra e que, no dia do seu casamento, ela estava uma noiva linda!

A MULHER DA BEIRA DA LINHA

Esta história, além de extremamente trágica, é de arrepiar, pois se desdobra em uma situação que já assustou muitas pessoas da comunidade.

Havia uma senhora que morava entre Plataforma e Caetano Lopes e, todos os dias, percorria a margem do trilho do trem com o seu cabrito para chegar numa baixada onde pegava lenhas para alimentar o seu fogão. Segundo Seu Januário Pinto de Oliveira, ela não escutava direito, tampouco interagiu com outras pessoas, pois era considerada “meio perturbada das ideias.”

Numa manhã de inverno, daquelas nas quais a neblina e o frio são tão intensos que atrapalham que enxerguemos um palmo à nossa frente, a dona, que caminhava na beira do trilho, resolveu amarrar o seu cabrito num toco para que ele não fugisse. Como não ouvia som algum, não percebeu que o trem estava já bem próximo dela. Sem tempo de desviar, a máquina lhe esbarrou, dando-lhe um tapa com tamanha força, que a jogou para o alto. Na queda, a senhora caiu em cima de um mourão da cerca ali perto e ficou fincada. Uma verdadeira tragédia!

Meses após a sua morte, os moradores das comunidades do entorno começaram a relatar a aparição de uma senhora, toda vestida de branco, que surgia no pontilhão da ferrovia, perto de uma água represada. Ali, ela sobrevoava o local, lamentando sua morte e a perda de seu cabrito.

Após assustar muita gente, um padre foi chamado para benzer o lugar. Depois do benzimento, o fantasma da mulher nunca mais foi visto.

ACONTECEU NO EMBARQUE

Seu Luiz Gomes é uma das pessoas mais antigas de Caetano Lopes. Como um bom contador de causos, possui uma memória invejável, bom papo e muita simpatia. Ele é filho de uma mulher indígena e traz consigo muitas recordações de como sua mãe era uma pessoa inteligente, educada e honesta, que cuidou sozinha de seus oito filhos. “A mãe nunca bateu, nunca xingou e trabalhava demais.” Para alimentar as crianças, ela plantava vários alimentos: arroz, milho, café... só o sal que era necessário comprar.

Em uma de suas lembranças, ele conta que quando tinha mais ou menos uns treze anos, certo dia sua mãe se aproximou dele e disse:

— Amanhã nós vai montar no trem.

Porque era assim que ela costumava falar, “montar no trem”, e não embarcar.

Ele e os irmãos não sabiam o que iam fazer na cidade, mas, no dia seguinte, logo cedo, arrumaram-se, colocaram suas roupas feitas de saco com um pequeno suspensório, os seus tamancos e partiram para a estação em família.

Quando chegaram à plataforma, ficaram brincando até a comitiva aparecer. Era um trem pequeno e relativamente baixo, com somente dois vagões, um que levava passageiro e outro que levava carga de milho, feijão e outros insumos para cidades vizinhas. Antes do embarque, as pessoas ficavam na plataforma e esperavam que o maquinista, o foguista e o graxeiro preparassem a máquina para a partida.

Naquele dia, logo que eles terminaram a preparação e fecharam a máquina, Luiz, os irmãos e a mãe se posicionaram na porta do trem. De repente, a máquina começou a fazer um chiado “shiiiiii”, que deixou

sua mãe preocupada. Na verdade, ela estava morrendo de medo. Foi então que o maquinista apitou o trem tão alto, que a mãe de Luiz deu um pulo de susto e saiu correndo gritando com os filhos:

— Corre!! Corre!!

As crianças a obedeceram imediatamente e só pararam de correr quando chegaram à casa sãs e salvas. Até hoje o Seu Luiz não sabe o que deu na mãe dele que a fez sair correndo e não voltar mais para estação naquele dia para realizar a viagem pretendida.

DIVIDINDO O POUCO QUE TINHA

Outrora, na região do Sumidouro, perto de Caetano Lopes, era hábito visitar as pessoas mais velhas em suas casas. As moradias, muito simples, eram ranchinhos feitos de capim. O “fogão” era improvisado em uma “trempe” e quase nunca tinham alimentos para comer com fartura. Mas, segundo Ivone, quando tinha, era um cheiro tão bom, que encantava quem estivesse por perto.

Uma vez, ela e uma amiga foram passear na casa do Seu Joaquim e se depararam com ele fazendo um angu com fubá de moinho d’água. O homem estava com o pé no fogãozinho improvisado e mexia o alimento com um pau, porque assim que se fazia antigamente. No que ele mexeu o angu, caiu um pouquinho pra fora da panela e subiu um cheiro delicioso. A amiga de Ivone, que na ocasião estava grávida, não pensou duas vezes e soltou em alto e bom tom:

— Nossa, que cheiro gostoso! Eu queria comer esse angu.

— Pede pra ele, uai. - disse Ivone sem sentir vergonha alguma da situação pois, segundo contou, ela sempre foi muito atentada.

Ainda sem saber do desejo da grávida, Seu Joaquim falou com as meninas:

— Eu vou assar um pedaço de linguiça que tá ali pra comer com o angu, que é isso só que eu tenho hoje.

A panelinha dele era pequenininha. Aquele angu e um pedaço de linguiça para um homem grande como ele era, certamente seria pouco, mas as meninas, com vontade de comer, pediram:

— Ô Seu Joaquim, ocê dá um pedacinho desse angu pra nós?

— Dou sim, peraí que eu vou arrumar procês.

Ele, provando sua generosidade, assim respondeu. Como não tinha vasilha, Joaquim foi à sua horta, apanhou uma folha de bananeira,

tirou um tanto de angu com o pau e fez duas porções para as meninas. “Hoje eu fico pensando: E ele? O que comeu naquele dia? Porque o angu acabou quase tudo. E outra coisa, ele com uma unha desse tamanho, suja toda vida e nós comendo aquilo com uma boca boa!” - lembrou Ivone.

COMENDO DE TUDO

Tinha um senhor que morava perto da casa da mãe da Ivone e, virava e mexia, ela e as amigas passavam na casa dele para bater papo com sua esposa. O homem tinha costume de caçar tudo que é bicho e levar para casa para sua mulher cozinhar para ele. Era gambá, gato, ouriço, tatu... o que aparecesse em sua frente. Ele chegava em casa com as caças e falava pra ela:

— Ô mulher, cê frita esses trem aí enquanto eu vou lá no Caetano buscar um golo.

E como sua companheira não enxergava direito, ela preparava o animal sem muito questionar. Limpava, temperava e começava a fritar. Quando ela tirava o bicho da panela e colocava na vasilha, Ivone e as amigas iam comendo de pedacinho em pedacinho. Com pouco prazo, a carne acabava. Quando o marido dela chegava de Caetano com o golo, tinha sobrado só farelinho pra ele comer junto com a cachaça. Não sei como que ele não ficava bravo!

BISCOITOS SUCULENTOS

Outrora, era costume fazer biscoitos em casa para que durassem a semana toda. Quem tinha forno, usava bastante e variava nas receitas que encantavam tanto as crianças quanto os adultos.

Na casa da avó de Ivone, tinha um forno e ela e as primas eram constantemente chamadas para ajudarem no feitiço dessas delícias. Naquele tempo, abria-se a lata de óleo para fazer a forma e elas tinham que lavá-la, secá-la e untá-la. E ali se fazia muito biscoito! Acontece que sua avó não deixava as meninas comerem nenhum, enquanto todos não estivessem prontos. “Assa tudo, come depois”, ela dizia.

Certo dia, entre uma fornada e outra, Ivone chamou sua prima no canto e disse:

— A vó tá muito ruim. Vamos pegar biscoito pra nós.

Nesses fornos antigos, tem uma abertura chamada “suspiro do forno”, que trata de uma brecha menor. As meninas pegaram um bambu e pregaram um prego torto na ponta dele e, enquanto a avó delas estava na parte de dentro da casa, elas colocavam o bambu no suspiro do forno e roubavam os biscoitos. “A gente comia tudo meio cru mesmo.” lembrou Ivone de Fátima Silva. Quando a avó abriu o forno e viu que não tinha mais nenhum biscoito pra contar a história, ela ficou tão brava! As meninas saíram correndo para não apanharem e, naquela semana, com certeza não puderam comer mais nenhum daqueles biscoitinhos.

A ÁGUA DO FOGÃO A LENHA

Noutro tempo, quando a maioria das casas usava fogão a lenha, era costumeiro colocar uma grande panela com água para esquentar sobre a chama e deixá-la ali durante todo o dia.

Ivone conta que a tia de seu avô, que se chamava Totó, sempre recebia a ela e as primas em sua casa para passar a tarde. Na residência da senhora, uma enorme panela de água quente passava o dia no fogão. Acontece que, durante o dia, era assim: um ia lá, bebia café no caneco e lavava naquela água. O outro bebia mais café e lavava o copo naquela água. A colherzinha do açúcar, passava naquela água. O dia inteiro tinha gente lavando alguma coisa na danada da água.

No incincho da noite, a Totó vinha e dizia:

— Agora eu vou fazer um mingau de fubá pra nós.

Pegava a mesma água, jogava o fubá dentro e preparava o banquete. Todo mundo comia tudo. “Ó, pra mim, isso é a prova de que sujeira não mata, não, viu! E ainda tinha as couves que ela servia pra gente sem lavar. Os piolhos chegavam a pinicar a gente pulando da folha de couve.” - contou Ivone de Fátima Silva.

O PASSEIO DO TACHO

Não era todo mundo que tinha tacho de fazer doce, então o negócio era emprestar para vizinhança e propor um revezamento. Os encarregados de buscar e levar eram as crianças, lembrou Ivone, que também contou que elas aproveitavam a situação para pedir coisas de comer na casa das pessoas por onde passavam.

PICADA DE COBRA

As cobras são animais temidos pelos trabalhadores da zona rural e não é por menos, pois muitos são os casos em que as serpentes aparecem sorrateiramente e fazem um grande estrago, destilando seu veneno. Aqui vamos conhecer alguns casos envolvendo picadas de cobra.

Tinha um rapaz que trabalhava na rede ferroviária. Certo dia, quando ele executava sua função cotidiana, sentiu uma baita dor de barriga. Acontece que o banheiro era afastado de onde ele estava, e o homem percebeu que não daria tempo de correr até o local para se aliviar. Foi então que ele resolveu se embrenhar no meio do mato, abaixar as calças e fazer as suas necessidades ali mesmo. O que ele não contava é que era época de acasalamentos das cobras e o lugar estava repleto desses animais peçonhentos. Logo que o homem terminou de se aliviar, antes mesmo de suspender suas calças, ele sentiu uma primeira picada e deu um pulo. Quando pulou, uma segunda cobra o mordeu e ele pulou de novo. Foi quando uma terceira e uma quarta cobra o morderam. Assustado, o rapaz subiu sua calça e saiu correndo em busca de ajuda gritando que havia sido picado. Quando o ouviram, rapidamente ele foi socorrido e colocado no trem buda para ser levado a Lafaiete mas, infelizmente, faleceu no caminho.

Outro caso aconteceu com um homem quando ele estava recolhendo a palha do milho. O rapaz abraçava a palha que estava no chão, sem nem mesmo olhar o que poderia ter ali, e colocava tudo dentro de um saco. Num dado momento, ele sentiu uma picada, esfregou o braço e continuou o serviço. Pegou mais umas duas ou três braçadas de milho e sentiu de novo a picada. Dessa vez, ele olhou para ver o que era e se deparou com uma cobra no meio da palha. O homem se desesperou e saiu correndo rumo à casa do Seu Juca, benzedor, pois esse era um

costume comum a quem era picado por serpentes em Caetano Lopes. Chegando lá, o curandeiro disse:

— Infelizmente não vai dar jeito. Você passou correndo no córrego, não pode correr depois da picada da cobra.

Em grave situação, o rapaz foi enviado a Belo Horizonte, onde permaneceu internado por um bom tempo e depois veio a falecer. O que contam é que quando ele estava tendo uma melhora no hospital, uma enfermeira lhe deu um copo de leite e que não se pode tomar leite após picada de cobra.

COM PADRE NÃO SE MEXE

Existiu uma fazenda na região de Caetano Lopes com um terreno muito grande, que abrigava, além do casarão da família dona do lugar, enormes pastos para os animais e estradas que serviam tanto aos donos da terra quanto a outras pessoas que por ali necessitassem passar.

Uma dessas estradas cerceava a fazenda e era usada pelo padre que atendia o território para celebrar as missas em Caetano Lopes, Santa Quitéria e Plataforma. No dia dessa história, quando o sacerdote passava por ali, foi interpelado pelo fazendeiro, que lhe disse:

- Bom dia, Padre! Hoje, o senhor me espera, que eu vou à missa. Só preciso tratar de uns assuntos ali no casarão e já venho.

O santo homem até esperou por um certo período, mas como o fazendeiro não apareceu rapidamente e ele não queria se atrasar, seguiu seu rumo em direção à igreja. Ao chegar à capela, o sacerdote novamente esperou alguns minutos, a fim de que o fazendeiro chegasse para a celebração, mas nada, o homem não apareceu. Então a missa se desenrolou com os fiéis ali presentes.

Após a bênção final, o padre juntou suas coisas e começou o caminho de volta pela mesma estrada que tinha usado na ida. Ao chegar nas terras do fazendeiro, o eclesiástico foi surpreendido por ele, que começou a lhe bater sem piedade, como que o castigando por não o ter esperado. Sem possibilidade de defesa e nervoso com o que lhe passava, o crente homem excomungou o fazendeiro e foi-se embora machucado.

O tempo passou, e o dono da fazenda seguiu sua vida normalmente até que morreu de causa desconhecida. Passados alguns anos, quando foram desenterrá-lo, como de praxe fazem depois de um tempo de

falecimento para reorganização de túmulos nos cemitérios, viram que o corpo dele estava intacto, não havia apodrecido absolutamente nada, nem suas roupas, nem seus sapatos. Segundo Januário, o que dizem é que “depois de ter batido no padre, nem a terra quis comer ele.”

ESCONDERIJO DO OURO

Como sabemos, houve um tempo em que, nos arredores de Caetano Lopes, havia muito ouro. No período da escravidão, os fazendeiros da região mantinham a exploração do metal feita por meio das pessoas escravizadas. Segundo contam, houve um momento em que se tornou um hábito esconder as pepitas encontradas para fugir de possíveis encargos e porque, muitas vezes, a retirada estava fora da lei. E é nesse período que se passa a história narrada abaixo.

Era de praxe alguns fazendeiros saírem de suas terras em companhia de um escravo, um pote de ouro e uma muda de palmeira para esconder o tesouro. Chegando ao lugar escolhido, o serviçal era obrigado a cavar um buraco bem fundo. Depois de pronto, o ouro era colocado ali, e o fazendeiro obrigava o homem a entrar no buraco também. Após esse momento, ele começava a tapar o buraco com o escravizado dentro para que ele tomasse conta de seu ouro. Ele era enterrado vivo. No fim do serviço, o fazendeiro plantava um coqueiro para identificar o local de seu pertence.

Alguns acreditam que as ditas assombrações que aparecem em vários lugares de Caetano Lopes, na verdade, nada mais são do que os espíritos dessas pessoas escravizadas que vagam sofrendo por sua terrível morte.

COMO FAZER UM HOMEM PARAR DE NAMORAR

Em outro tempo, os namoros aconteciam sob a supervisão de pessoas da família, que acompanhavam o casal em todos os momentos em que eles estivessem juntos. Algumas vezes, os parentes se cansavam da rotina de ficar na função de “vela”. Foi assim com dois irmãos que, além de serem importunados diariamente pelos pais para que cuidassem da irmã com o pretendente, ainda ficavam extremamente cansados, pois tinham que acordar cedo para trabalhar no dia seguinte e o namorado da irmã saía da casa da família tarde da noite.

No intuito de terminar com aquela cansativa situação, os fraternos bolaram um plano. Um deles arrumou um saco de palha bem cheio e o outro, um lençol branco. Juntos, eles foram para o Morro do Inhame, perto da árvore tombada e se esconderam. Quando começaram a ouvir os passos do rapaz rumo à casa deles, colocaram o plano em prática. Primeiro, um deles jogou o saco de palha com rapidez na frente do homem, que imediatamente parou. Aí foi a vez do outro, que gemeu assim:

— Aaaaaai! Aaaaaai!

Ao que ele quis contornar o saco, o dono do gemido assustador saiu de trás da árvore com o lençol na cabeça e começou a persegui-lo. Ah! Mas ele saiu correndo tão rápido, que chegou à casa em menos de cinco minutos, com seus gritos, acordou todo mundo da família, que teve de lhe preparar um copo de água com açúcar para acalmá-lo.

De longe, os dois irmãos se divertiam com a situação e o melhor, garantiam que nunca mais o rapaz ficaria até tarde na casa deles para namorar com sua irmã.

O CASO DO JIPE DO PADRE

Em outros tempos, era comum que um mesmo padre atendesse vários distritos e comunidades, revezando o dia em que realizaria as celebrações em cada lugar. Em Caetano Lopes, atendia o Padre Alcides, pessoa muito boa, mas com fama de ser muito bravo também.

Cansado das dificuldades de se deslocar de uma comunidade para outra sem seu próprio transporte, o eclesiástico iniciou uma pequena campanha nos distritos onde atuava para que os fiéis o ajudassem a comprar um jipe. Assim, ele fazia o traslado necessário de maneira mais prática.

Passado um período, com o empenho de fiéis de vários lugarejos foi conseguido o dinheiro para compra do automóvel. Tão logo foi adquirido, o carro foi entregue prontamente ao padre. Acontece que ele não sabia dirigir.

Certo dia, quando o sacerdote estava passando pela estrada que beira o rio, indo de Caetano Lopes a Congonhas, ele fez a curva, contudo não apertou os freios. Ah! Aquilo bastou para que o jipe tomasse o rumo para fora da estrada, entrasse num matagal e disparasse em direção à água. Antes de adentrar na correnteza, o padre conseguiu dar um pulo para fora do veículo e deixou que este terminasse de se afundar sozinho. Pouco a pouco, começaram a aparecer algumas pessoas, que foram verificar se ele precisava de alguma ajuda e, graças a Deus, o homem estava bem.

No meio do mato, a população viu o jipe sendo arrastado rio afora e, junto dele, toda a documentação de nascimentos, casamentos e óbitos de Caetano Lopes.

A GARRUCHA DO PEDRO ÉGUA

Em outros tempos, era muito comum as pessoas andarem armadas na zona rural para se defenderem de possíveis perigos pelos caminhos que trilhavam no escuro e no meio da mata.

Nelson lembra que Pedro Égua era uma dessas figuras que andava com uma garrucha pra cima e pra baixo, muitas vezes até assustando as pessoas. O pai do Seu Milton, o senhor Baltazar Gonçalves Campos, querendo provocar Pedro, ficava falando com ele todo dia:

— Essa garrucha sua não sai tiro, não. Nunca vi sair um tiro dela.

Com o passar do tempo, aquilo foi irritando o homem, que decidiu pensar em uma forma de assustar o amigo.

Certo dia, quando Seu Baltazar mexeu com Pedro pela milésima vez, debochando de sua garrucha, o homem suspendeu a arma como se fosse atirar e disse:

— Não funciona? Oê quer ver?

Acontece que ao invés de apertar o gatilho para dar um tiro para cima e mostrar que a garrucha realmente funcionava, o homem levantou a carabina e apertou o sistema de desengatilhar a garrucha. Naquele momento, as balas que estavam dentro dela, começaram a cair uma a uma em cima da cabeça de Pedro, que com o impacto e o peso da munição, gritou de dor:

— Ai! Ai! Ai! Ai!

Ah! O deboche foi geral e, depois daquele dia, foi comprovado que daquela garrucha realmente estava muito difícil sair um tiro.

LUA DE MINEIRO É QUEIJO

Se tem uma coisa que o mineiro gosta é de queijo. E não é para menos, já que os mais deliciosos sabores dessa iguaria podem ser experimentados em diversos cantinhos deste nosso estado tão querido. E era assim com um compadre que morava em Caetano Lopes. O homem era doido com queijo e não perdia uma oportunidade de comer um pedacinho que fosse se alguém lhe oferecesse.

Um dia, ele e um outro compadre estavam voltando do trabalho para casa, e o amigo resolveu pregar-lhe uma peça. Era noite de lua cheia e clara e os dois estavam caminhando já há um bom tempo, por isso a fome estava apertando e a barriga começava a roncar. Quando eles chegaram pertinho da ponte, um dos compadres viu a imensa lua refletida na água do rio e disse ao outro:

— Olha lá! Tem um queijo dentro do rio.

Ah! Mas o homem não pensou duas vezes, pulou na água e saiu nadando para comer o queijão que ele viu. Quando percebeu que na verdade o queijo era a lua refletida, o rapaz deu uma baita bronca no amigo, que ria sem parar de cima da ponte. Entristecido e ainda faminto, o compadre saiu da água e continuou o seu caminho até sua casa, agora também molhado.

A TÁTICA DE JAIR SULAMPA

Você sabe o porquê do nome Morro do Inhame? Dizem que o monte é chamado assim porque no local havia muita plantação de inhame roxo e verde, também conhecidos como inhame dedo de moça ou inhame chinês. Era comum que as pessoas que tinham criação de porco tratassem os animais com esses alimentos.

Ali na região do morro, havia umas moças que os rapazes ficavam doidos para namorar, mas não era fácil, não. É que por ali também morava o esperto Jair Sulampa, que adorava pregar peças nas pessoas que tentassem se aproximar das meninas.

Toda vez que um rapaz se aventurava a arrumar uma namorada para os lados do Morro do Inhame, quando tentava encontrá-la, deparava-se com uma assombração criada pelo Jair. O costume dele era colocar um lençol na cabeça, ficar escondido e, caso a pessoa viesse pelo caminho, ele aparecia abrindo os braços e balançando as mãos correndo em sua direção. “Quem não tinha medo, passava. E quem tinha medo voltava pra trás, ficava com medo e sem namorada.” - lembrou Seu Nelson.

No dia seguinte, Sulampa morria de rir da situação e não contava a ninguém que ele era o autor da estripulia. Assim, sempre os rapazes pensavam duas vezes antes de irem namorar as moças que moravam para as bandas do Morro do Inhame.

JUCA MARCIANO E SUAS MAGIAS

Juca Marciano era um homem interessante e conhecedor de muitos tipos de benzimentos. Todos os dias ele tinha o costume de ficar sentado em um toco na beira do córrego que ficava perto de sua casa a observar as águas correrem e a ouvir o canto dos pássaros.

Uma vez, algumas crianças quiseram lhe pregar uma peça e fizeram cocô em cima do toco onde ele mantinha sua rotina. Quando Juca chegou para ocupar o seu posto que lhe trazia muita tranquilidade e apreço, ele se deparou com o “serviço” e pensou:

— Ah! Não acredito que esses meninos fizeram isso. Mas esses danados vão se ver comigo! Aqui eles não ficam mais.

O que Juca Marciano fez nem eu nem ninguém sabe contar, mas fato é que no dia em que as crianças apareceram novamente perto de sua casa, o homem se escondeu no meio do mato e ficou observando de longe. Com pouco prazo, começou uma gritaria danada, pois havia uma infestação de cobras no local onde as crianças estavam brincando, que fez todas elas correrem para suas casas.

Outro caso ocorrido que segue a mesma toada foi quando a criançada invadiu o quintal de Juca para comer jabuticaba. Até aí tudo bem. Mas não é que os meninos estavam jogando jabuticabas no chão, desperdiçando fruta? Quando viu o feito da turminha, Marciano falou:

— Peraí, que eu dou um jeito nisso.

Não demorou muito estava todo mundo correndo, tirando a roupa, gritando e chamando pelas mães:

— Formiga! Mãe, ajuda! Formiga! Socorro!

A lição que ficou foi que fazer arte com o Juca Marciano dava muito prejuízo, o melhor era aprontar em outros cantos.

O CASO DA MOITA DE ARRANHA GATO

Outrora, muita gente passava aperto quando, no meio do mato ou na estrada, se deparava com algum animal nervoso prestes a atacar.

Ele foi assim com um compadre que, ao voltar para casa depois de um dia árduo de trabalho, topou com uma vaca brava, que correu atrás dele. Para se proteger, o homem se embrenhou numa moita de arranha gato que, pelo nome a gente já imagina, era cheia de espinhos. Fato é que quanto mais a vaca se aproximava dele, e assim ela fazia, mais o homem se “xuxava” na moita, e logo ficou completamente preso.

Em casa, seus filhos começaram a se preocupar com a demora do pai. Então, um deles disse aos outros dois irmãos:

— Eu vou ver o que aconteceu e trago o pai para casa.

O rapaz rapidamente achou o pai escondido na moita. A vaca até já tinha ido embora. Mas, como o homem estava muito embrenhado no arranha gato, não conseguiu tirá-lo.

Dali a pouco, surgiu o segundo filho. Juntos, os dois tentaram de várias formas desagarrar o pai daquele monte de espinhos e nada de conseguirem.

Foi então que apareceu o terceiro filho, o Barnabé. O rapaz já chegou dizendo:

— Podem ir para casa que eu tiro o pai desse enrosco. Deixa comigo!

Como os rapazes já tinham tentado de tudo e não tinham obtido sucesso, obedeceram ao irmão e voltaram para esperarem em casa. Grande foi a surpresa quando, rapidamente, o pai apareceu na residência livre da moita de espinhos e junto de seu filho.

— Como que você tirou o pai da moita tão rápido se nós tentamos de todo jeito e nada?

— Eu pus fogo na moita. - respondeu o rapaz.

SURRA DE RABO DE MACACO

Dona Melada era uma senhora amiga da mãe de Ana Maria e foi ela quem contou este caso, que se passou no caminho para Santa Quitéria, onde tinha um suntuoso ingazeiro muito conhecido por todos, pois era grande e vistoso.

Todos os dias, uma mulher passava por lá a caminho de sua casa. Certa vez, ela foi surpreendida por um urubu que voou pertinho dela e depois pousou no ingazeiro. Quando a mulher foi averiguar um pouco mais de perto, a ave que tinha lhe dado um rasante inesperadamente se transformou em um macaco. Sem mesmo ter tempo para correr daquela situação curiosa que acabara de suceder, o macaco desceu do ingazeiro e atacou a dona, batendo seu rabo com extrema força em suas pernas. Desesperada, ela correu pela estrada afora ainda tomando lambadas de rabo de macaco pelo corpo todo e gritando:

— Socorro! Socorro! Alguém me acode!

Após se livrar do animal, a mulher olhou para suas pernas e viu que elas estavam todas queimadas das chicotadas levadas. Segundo Dona Melada, aquele tinha sido um castigo destinado à mulher, já que ela estava andando com um compadre casado.

Acho que depois dessa surra de rabo de macaco, a moça pensou duas vezes antes de voltar aos seus secretos encontros amorosos.

SONHO DE COMPRAR UMA BOTINA

Certa ocasião, Seu Itamar lembra que o tio de sua mãe o chamou para fazer um serviço em suas terras. Ele era menino novo e teria que guiar os bois e arar a terra de uma grande área. Seu sonho era ter um calçado, pois ele nunca nem mesmo tinha colocado os pés em um. Foi então que o jovem pensou:

— Eu vou aceitar o serviço e dessa vez eu compro minha botina.

O trabalho era pesado e cansativo. O menino passava horas debaixo do sol quente, arando a terra e deixando tudo preparado para o cultivo. E foi assim por incansáveis vinte e sete dias.

No fim do serviço, seus pés estavam inflamados de tanta “espinhada de sapé”, mas tudo aquilo valeria a pena, pois agora era chegada a hora de receber o pagamento e comprar o seu tão sonhado pisante.

Itamar foi encontrar com seu tio avô para fazer o acerto do trabalho. Entrou em sua casa e mal podia segurar a ansiedade por receber o seu suado dinheirinho. Foi então que o menino disse:

— Terminei o serviço, tá tudo prontinho pro senhor plantar. Agora é só o senhor me pag...

— Ô meu filho, Deus te ajude, viu!

O homem assim respondeu, pegando na sua mão e indicando para o menino ir embora. Que decepção! Itamar saiu correndo e não pôde conter as lágrimas de tristeza, pensando que não seria daquela vez que conseguiria finalmente ter a sua botina. Chegando à casa ainda tomou bronca de seu pai, que o viu chorando. Porque antigamente “ocê tava triste e ainda tava errado” - contou ele.

O QUIABEIRO DESEJADO

Na roça, muitas vezes não tinha nada para fazer. Segundo relembrou Ivone e Geni, não tinha luz, o radinho de pilha de casa mal tocava alguma coisa, pois nem o bombril dava jeito na antena dele. Os homens iam para Caetano... e o jeito era elas inventarem cada hora uma coisa para se distraírem.

Certa vez, era noite, e as duas comadres começaram a pensar em maneiras de vencer o tédio.

— Vamos roubar quiabo do vizinho? - propôs Ivone.

— Uai, vamos. - respondeu Geni.

Geni ainda lembrou que na casa delas estava cheio de quiabo, mas que a graça estava em ir pegar o dos outros.

Empenhadas em não serem descobertas, as mulheres vestiram roupas masculinas, bota e chapéu, assim ficaram irreconhecíveis. Nessa época, elas tinham um gatinho todo pintadinho que morava na casa e, ao saírem sorrateiramente e bem fantasiadas, acabaram esquecendo uma das janelas aberta.

Pé ante pé, na calada da noite, Ivone e Geni foram se aproximando do quiabeiro que ficava no meio do arrozal do vizinho, colhendo quiabo por quiabo e colocando dentro de uma sacola. De repente, o danado do gato que havia escapulado pela janela aberta apareceu e começou a miar.

— Miau! Miau! Miau!

Se fosse só o gato, tudo bem. Mas o bichano acabou chamando a atenção de uma senhora, também vizinha, que adorava bichos e estava voltando para casa na estrada bem naquela hora.

— Ô meu filho, o que cê tá fazendo aí? Vem cá, bichano! Vem cá!

Ela dizia no intuito de pegar o animal e protegê-lo de um possível perigo noturno. Acontece que ao falar, a mulher andava na direção do miado e se aproximava cada vez mais do tal quiabeiro onde estavam Geni e Ivone.

— E agora, Ivone? O que nós faz?

— O jeito é deitar no chão.

E assim elas fizeram, pularam no chão e começaram a se arrastar para dentro do valo para não serem pegadas. Morrendo de medo de picada de cobra ou de serem mordidas por algum outro bicho noturno, as duas tiveram que ficar quietinhas até a tal vizinha fazer o resgate do gato.

Depois que ela foi embora com o animal, Geni e Ivone se levantaram do chão completamente sujas, mas sãs e salvas. No retorno para casa, muita risada e uma sacola cheia de quiabo roubado.

O GALO, NÃO!

Que na roça tinha muito ladrão de galinha a gente já sabe, né? Afinal de contas, é comum ouvir histórias de como as penosas eram furtadas das mais variadas formas. E esse caso começa com duas comadres querendo roubar as galinhas do vizinho.

Era Semana Santa e as moças se prepararam para o furto, que aconteceria de noite, momento em que todos já estão dormindo e fica mais fácil tirá-las do galinheiro. O sogro de uma delas, alertou-as:

— Isso é pecado! Ocês não devia fazer isso, não. Ocês vai pagar pena por pena.

Mas elas, bagunceiras que só, não davam muita confiança.

De noite, as comadres caminharam silenciosamente até o galinheiro do vizinho. Mas, quando chegaram lá, vocês não vão acreditar! Já tinha um ladrão fazendo o serviço.

— Vamos embora! - disse a mais apreensiva com medo da situação.

— Nada! Ele leva as dele e a gente leva as nossas. - respondeu a outra - já se escondendo para esperar o tal homem levar o que ele queria.

Quando o primeiro ladrão foi embora, as duas saíram do esconderijo para pegarem a sua parte, mas as galinhas já estavam muito alvoroçadas devido ao primeiro roubo. Uma das moças colocou um pau longo encostado no galinheiro, porém quem subiu nessa madeira foi o galo.

— O galo não, comadre! O galo não! Deixa o galo do homem! - disse a outra preocupada.

E pelo tanto que ela alertou, a amiga acabou desistindo de levar o bicho e voltou para casa de mãos vazias. Ao lembrar do caso, as duas se divertem dizendo:

— Agora você pensa! Onde que nós íamos esconder as galinhas roubadas sem o vizinho perceber!?

Era cada uma!



O HOMEM DO PÉ DE INGÁ

Dizem que, em tempo de cheia, o rio subia tanto, que não era possível atravessar de um lado para o outro da estrada. Certa vez, um homem e uma mulher estavam ilhados em sua casa e realmente precisavam fazer a travessia. Foi então que, de noite, o rapaz resolveu fazer uma oração, pedindo a graça de conseguir atravessar.

Na manhã seguinte, ele havia desaparecido. Sua mulher, desesperada, começou a procurá-lo em todo canto e nada de encontrá-lo. E ela pensava:

— Certamente ele tentou atravessar o rio e se afogou. Ah! Coitado do meu marido!

Quase já sem esperanças de vê-lo novamente, a mulher resolveu caminhar pela beira da enchente e vasculhar o mato ao redor para, de repente, encontrar o corpo de seu esposo morto. Qual não foi a sua surpresa quando, ao andar vertendo lágrimas pelos olhos, ela começou a ouvir uma voz que dizia:

— Ô Maria, eu tô aqui.

— Quem falou? - disse a dona com certo medo.

— Sou eu, Maria! Eu tô aqui no pé de ingá.

Quando ela olhou pra cima, não é que seu marido estava lá, agarradinho no pé de ingá, que o galho que lhe sustentava estava até morgado.

— Minha Nossa Senhora, homem! Como é que ocê foi parar aí?

— Não sei, mulher! Eu rezei a oração, dormi e acordei aqui.

Como que ele foi parar lá e por que ninguém sabe até hoje. Fato é que Maria teve muito trabalho chamando vizinhos, comadres e compadres para ajudar a tirar seu marido de cima da árvore no meio

da enchente. Para mim, esse homem não rezou direitinho e nem a oração certa, porque parece que a bênção que ele pediu o deixou no meio do caminho. O que você acha?

MISTERIOSO GALÃ

Em Caetano Lopes, havia um fazendeiro casado, mas que mantinha um relacionamento extra conjugal com uma mulher que vivia na região do Sumidouro. Na calada da noite, quase todos os dias a amante atravessava o distrito para os furtivos encontros. Acontece que, para que ninguém desconfiasse ou descobrisse quem era ela, a moça se vestia com roupas masculinas claras, um grande chapéu branco e se escorava em um grande pau, fazendo-o de cajado.

Já viu que em lugar pequeno os boatos correm soltos, né? Pois então, a notícia que se espalhou foi a de que, no Morro do Inhamé, perto da árvore caída, estava aparecendo o fantasma de um homem de branco e que amedrontava quem passasse por perto. Não demorou muito para que alguns rapazes da comunidade quisessem averiguar do que se tratava. Então, certo dia, um tal de Juquinha, que dizem que não tinha medo de nada, decidiu verificar de perto o fantasma.

— Hoje eu descubro quem é essa assombração que tá fazendo medo nos outros. - disse ele montando em sua égua e partindo de encontro ao local onde aconteciam as aparições.

Chegando lá, nem mesmo foi necessário esperar muito. Antes que ele “apeasse” da égua, avistou a figura misteriosa, descendo com seu cajado.

— Hoje ocê me responde. Quem é ocê? - interpelou Juquinha paralisando a figura, que não respondeu absolutamente nada.

— Anda! Responde quem é ocê, porque eu não tô pra brincadeira. E nada foi dito.

— Se ocê não falar agora quem é, eu te meto a faca!

— Sou eu, Seu Juquinha! Sou eu! - respondeu a moça amante do

fazendeiro, revelando seu disfarce e tremendo de medo de morrer ali mesmo.

— Então a assombração é ocê, menina! Ave Maria, que rolo que eu me meti!

Após esse dia, todos souberam do caso do fazendeiro com a moça. Parece que ficou bem mais difícil para os dois continuarem a se encontrar.

SORRISO MAROTO

Muita gente diz que viu alguns cachorros misteriosos em Caetano Lopes, animais que surgiam do nada e desapareciam sem explicação. E com o Seu Zé Branco não foi diferente, só que teve um detalhe a mais.

Por mais de cinco vezes, ele já tinha visto um cachorrinho descendo a rampa lá perto do Morro do Inhame e já estava ficando cismado com as aparições do animal que lhe causavam um certo arrepio.

Certo dia, enquanto voltava para casa acompanhado de um colega, apareceu o tal bicho novamente, só que ao invés de assustá-lo, o cachorro levantou a patinha, deu um sorriso e desapareceu. Vai explicar, né?

O CASO DO ESTOURO

Antigamente, Seu Luiz gostava de beber uma cachacinha. Dona Emilce era muito nova e não tinha experiência, contudo sempre acompanhava o marido em suas andanças.

Certa vez, o casal tinha ido junto para Jeceaba resolver algumas questões e ao esperarem o trem na estação para fazerem o caminho de volta, souberam que ele estava muito atrasado. Luiz, já animado pela cachacinha, convenceu Dona Emilce a voltar a pé pelo trilho, pois assim ele acreditava que os dois chegariam mais rápido que o trem.

A noite estava escura e a cada passo do caminho Dona Emilce tremia de medo. Nessa toada, eles atravessaram as três pontes do trajeto sem que nada de estranho acontecesse. No entanto, quando chegaram no fim do ponto, em uma área já pertencente a Caetano Lopes, passou um vulto escuro em alta velocidade, voando por cima de suas cabeças. O tal vulto bateu no fio e provocou um estrondo que parecia o som de cem trovões juntos. Não teve fumaça, não teve luz, nada, só aquele barulho quase ensurdecedor. Emilce não pensou duas vezes e começou a gritar assustada:

— Ai, meu Deus do céu! O que é isso, Luiz? Arrebentou o fio. O que foi isso?

E ele respondeu:

— Corre, Emilce! Corre!

Os dois correram o mais rápido que puderam e, quando olharam para trás, não tinha absolutamente nada.

Segundo Seu Luiz, nesse dia, a embriaguez da cachacinha sarou na mesma hora.

O BARULHO DAS MÁQUINAS

Seu Luiz Gomes trabalhava como rondante para uma empresa local, em que tomava conta de tratores e de equipamentos durante a noite. Naquela época, ele e a esposa não tinham boas condições financeiras e o casal precisava muito daquele emprego.

Em certa ocasião, ao realizar a ronda noturna de costume, ele começou a ouvir um som estranho, como se fosse o ronco de um motor. Intrigado, Seu Luiz andou na direção do som e se surpreendeu ao perceber que agora o barulho tinha aumentado e parecia que havia dois, três ou quatro motores roncando.

Meio assustado, um cachorro que costumava lhe fazer companhia chegou bem perto dele e começou a rodar por entre suas pernas. Foi então que Luiz olhou para frente e viu que os tratores do pátio onde ele fazia a ronda estavam com as luzes acesas e com os motores ligados, mas sem nenhum condutor.

Desesperado, ele correu para chamar alguém e topou com seu amigo que estava ali por perto.

— Compadre Zé, os tratores estão ligando sozinhos. Me ajuda!

E o homem respondeu:

— Minha Nossa Senhora, eu não sei o que é isso não. Ninguém mexeu nas máquinas. Como que pode uma coisa dessas? Não volta lá não.

Até hoje não se sabe o que aconteceu naquele dia. Mas, curiosamente, naquela semana, havia morrido um homem em Caetano Lopes, o qual era conhecido por ser dono de tudo.

A partir do ocorrido, Seu Luiz resolveu se prevenir e pediu que viesse um sobrinho dele, lá de Jeceaba, para lhe fazer companhia durante a ronda, porque sozinho ele não trabalharia mais.

A MULHER GRANDONA

Dizem que em Caetano Lopes existe a assombração de uma mulher muito grande, que usa um vestido branco e sobrevoa o distrito amedrontando as pessoas. A maioria de suas aparições aconteceram perto da linha do trem no período da noite.

CARONA MISTERIOSA NO CAVALO

Outrora, era comum que as pessoas percorressem longas distâncias a cavalo, seja para irem a cidade vizinhas, para participarem das festas, para fazerem compras de mantimentos e outras necessidades ou para irem trabalhar. E não havia momento certo para sair montado no bicho! Como era um meio de transporte comum, qualquer hora era hora, podia ser de manhã cedinho, de tarde, de noite ou até mesmo de madrugada.

A mãe de Seu Luiz contou a ele que ela tinha um tio muito corajoso e trabalhador. O homem fazia juz à tradição de usar o cavalo como meio para ir a todo canto e sempre mostrou muito domínio nos trotes ou nas cavalgadas em cima do animal.

Certa vez, quando ele estava voltando do campo em uma noite fria e escura, na chegada, aconteceu algo muito estranho. Ele estava montado em cima do cavalo que trotava devagar, mas firme, pois o bicho sabia o caminho de volta para casa de tanto que os dois faziam esse trajeto. De repente, parece que algo montou na garupa do bicho, tanto que fez o animal se abaixar um pouco. Assustado, o familiar do Seu Luiz tratou de estimular o cavalo a andar mais rápido, porém quanto mais batia com os pés no bicho, mais ele arriava o lombo. Como se não bastasse, depois de um tempo ele percebeu que tinha uma figura misteriosa montada atrás dele e que ferozmente ela tentava mordê-lo para que ele caísse no chão. Ah! Foi uma verdadeira aventura! O homem em cima do cavalo, agora em alta velocidade, jogando o corpo cada hora para um lado a fim de fugir das tentativas de bote da figura misteriosa, ao mesmo tempo em que precisava se equilibrar.

Nessa terrível toada, o tio avô de Seu Luiz, com muito custo, chegou até Caetano Lopes, quando, da mesma forma repentina que tudo começou, tudo terminou. O cavalo suspendeu o lombo e voltou

a trotar como antes do ocorrido e a figura misteriosa desapareceu.
Quem ou o que era o caroneiro misterioso não se sabe até hoje.

QUANDO SE DUVIDA DA MULA SEM CABEÇA

Os antigos falavam que se você visse a mula sem cabeça, sentiria uma dor de cabeça muito forte. Mas sempre houve quem acreditasse nessa figura tão amedrontadora e quem duvidasse da sua existência. E essa história começa com o caso de dois rapazes de nome Luiz Pinto e Brás Pinto, que achavam que mula sem cabeça era uma tremenda invenção para assustar as pessoas. O pai dos rapazes, crente na figura da mula, alertava os filhos ao dizer:

— Mula sem cabeça existe. Ocês não duvida dela não, que vai ser pior procês. Não brinca com coisa séria!

Mas os moços, sempre desdenhosos, achavam que aquela era uma besteira dita pelo pai.

Certo dia, os irmãos resolveram tirar a prova com seus próprios olhos. Decididos, eles disseram ao pai:

— Hoje nós vamos ver se a gente encontra com a mula sem cabeça.

E lá se foram eles. Era quaresma e os dois saíram de casa quando já havia anoitecido. Caminharam por um bom tempo pelas ruas de Caetano Lopes conversando, distraíndo-se e esperando o tal bicho aparecer. Durante uma prosa e outra, eles até ironizavam, dizendo que a mula devia ter ido passear, que ela estava ocupada e outras brincadeiras. E assim o tempo foi passando e nada de mula. Então, eles resolveram ir embora:

— Vamos voltar pra casa, irmão, essa mula não existe mesmo. - disse um deles.

— É mesmo, meu irmão. Hoje nós tiramos a prova. Não existe.

De repente, os rapazes avistaram alguma coisa vindo em sua direção. Ela tinha corpo de cavalo e, no lugar da cabeça, uma bola de fogo ardente. Em alta velocidade, a figura passou por eles, que

olharam para trás, mas não avistaram mais nada, porque o animal havia surgido em outro lugar, na direção oposta. Com passos largos e um barulho medonho, aquela fera ainda passou pelos irmãos outras sucessivas vezes, surgindo cada vez mais perto dos dois. Depois da última investida do bicho que quase os queimou de tão perto que passou, Luiz e Brás correram assustados o mais rápido que puderam até chegarem à casa, onde se fecharam no quarto e foram dormir sem falar com ninguém.

No dia seguinte, quando foram acordados pela mãe, eles não foram capazes de se levantar da cama, já que sentiam uma terrível dor de cabeça. Depois disso, os irmãos nunca mais duvidaram da existência da mula sem cabeça e passaram a respeitar mais as narrativas de seu pai, que havia dito para eles não brincarem com aquela história.

O CASO DA PEDRA

Julienne, quando menina, morava um pouco afastada de Caetano Lopes, num lugar conhecido como Sumidouro. Na época, seu pai era ministro da eucaristia e sua família sempre vinha à cidade participar das festividades da igreja.

Certa vez, quando ela, a mãe, o pai e os irmãos caminhavam rumo à Igreja de Santa Isabel para participarem da coroação de Maria, aconteceu algo muito estranho. Julienne recorda que nesse dia eles não estavam andando todos juntos. Na frente da estrada estavam sua irmã e seu irmão, que iam brincando saltitantes e felizes. Um pouco atrás deles, estavam ela e a mãe. E mais atrás ainda, o pai.

Pois bem, quando ela e sua mãe estavam passando pelo conhecido Morro do Inhamé, inesperadamente uma pedra rolou barranco afora, indo parar entre suas pernas. Até aí tudo bem, né? Elas tinham se assustado, mas era só uma pedra. Acontece que a pedra começou a se movimentar sozinha se enfiando entre os pés de Julienne, quase a derrubando no chão. Fugindo das investidas do pedregulho, ela pulava cada hora para um lado de sua mãe, de quem atravessava na frente e corria por trás.

— Para com isso, menina! - dizia sua mãe.

E ela respondia aflita:

— A pedra, mãe. É a pedra.

— Que pedra? Para com essa bobeira. Seu pai tá vindo lá atrás.

— A pedra, mãe!

E nessa confusão, elas caminharam até chegarem perto da “Águinha”, córrego que a família costumava parar para beber água. Nesse momento, a pedra desapareceu sem deixar vestígios.

NA VOLTA DO BARALHO DA MADRUGADA

Em outras épocas, algumas pessoas tinham o costume de sair de noite para ir jogar baralho em fazendas da região e, muitas vezes, precisavam fazer o caminho de volta a altas horas, sozinhas e no escuro.

O tio de Juliene contava a ela que sempre que ele estava nessas andanças de retorno a sua casa de madrugada, escutava barulhos estranhos vindo do meio do mato que o faziam se arrepiar todo. Segundo ele, primeiro o som parecia de um guincho de animal, depois a tal coisa dava uns berros no alto do morro e parecia que tudo ao seu redor estremecia. Ele, que não era bobo nem nada, saía correndo para chegar à casa o mais rápido possível.

No dia seguinte, ao contar para os outros companheiros que também estavam na jogatina da madrugada e portanto tinham passado pelo mesmo local, o homem percebia que ninguém tinha visto nada.

O ENIGMÁTICO CACHORRO

O avô de Maria Sérgio contava que no tempo em que estava sendo construída a rede ferroviária de Caetano Lopes aconteciam muitas coisas, no mínimo curiosas, com aqueles que se aventuravam a sair de casa de noite. Nessa época, ainda não tinham sido construídas as estradas, então, o trajeto percorrido pelos moradores era através da trilha feita pelos carros de boi.

Certa noite de lua clara, ele estava voltando de uma fazenda vizinha onde tinha passado horas jogando baralho com os amigos quando, de repente, começou a ouvir um zum zum zum, uma “conversaiada” danada atrás dele.

— Uai, de onde tá vindo esse povo? Será que é gente que desceu do carro de boi na estação e tá vindo pra cá? - ele pensou.

E continuou o seu caminho imaginando que, em algum momento, ia se deparar com os andantes tagarelas da madrugada. Quanto mais o homem andava, mais a resmungação continuava e nada de ele encontrar com as pessoas que supostamente estariam vindo em sua direção.

Quando ele chegou a uma baixada, as vozes todas sumiram e o avô de Maria Sérgio viu que havia vários animais deitados no chão e, dentre eles, um enorme cachorro. A fim de assustar o animal, ele decidiu dar uma reitada no bicho. Ah! Aquela foi a pior atitude que ele poderia ter tomado, mexer com quem estava quieto.

Imediatamente após apanhar, o cachorro veio pra cima dele e começou a atacá-lo. De sua boca, saíam labaredas de fogo e suas unhas afiadas arranhavam o casaco do homem. Durante o ataque, ele tentava dar novas reitadas no animal, mas agora não conseguia mais acertá-lo. A luta corporal entre o homem e o bicho seguiu por longos

minutos. Cansado e desesperado com a situação, ele já começava a pensar que sua hora tinha chegado, porém se lembrou que, no bolso de seu casaco, tinha uma garrucha carregada com apenas uma bala envolta com casca de vela benta. Quando ele a tirou do bolso e apontou em direção ao cachorro para acertá-lo, o animal desapareceu diante de seus olhos. Exausto, o avô de Maria Sérgio foi se arrastando para casa. Chegando lá, entrou pela porta e deu de cara com sua mãe, que já estava sobressaltada com a demora do rapaz.

— Meu filho, onde você estava? - ela perguntou.

Ele mal conseguia abrir os olhos, pois foi tomado por uma dor terrível nas vistas. Estava todo arranhado, suado e sujo.

— Pelo amor de Deus, mãe! Fecha a porta e as janelas. Tem um bicho lá fora que me atacou e eu não consigo abrir meus olhos.

Naquela noite, a bisavó de Maria Sérgio cuidou do filho até que ele se acalmasse e pudesse abrir os olhos sem dor. Mas, passado o susto, ela tratou de lhe dar uma baita bronca, pois não se deve mexer com quem está quieto, e o cachorro não tinha lhe feito nada antes de ele lhe bater.

O COELHO MISTERIOSO

Seu Itamar José da Silva, mais conhecido como Bié, é um verdadeiro contador de causos. Também não é por menos! Com tantas experiências e aventuras por esses matos afora, muita coisa já se passou com ele. E esse caso é bem curioso.

Quando mais jovem, Seu Itamar era Vicentino e, constantemente, ajudava algumas famílias que passavam necessidades. Certa vez, ele estava voltando de uma dessas visitas para doações em casas da região e decidiu, antes de retornar para o Sumidouro, local onde vivia, dar uma passada em Caetano.

No distrito, ele ficou um bom tempo batendo papo com os amigos, mas, como gostava de dormir cedo, chamou um chegado para lhe fazer companhia e foi embora por volta de oito da noite.

Era mês de abril e a noite estava muito fria, tanto que, ao passar pela frente da casa desse rapaz que o acompanhou na primeira parte do trajeto, ele viu que os meninos dele tinham feito uma fogueira para se aquecerem. Lá, ele também se atentou para a hora, que marcava oito horas e quarenta minutos, e pensou:

— Eu vou embora, com dez minutos eu chego em casa de bicicleta, mais dez minutos para tomar banho e um café, nove horas eu tô na cama.

Seu Bié despediu-se do amigo e, ao montar na sua bicicleta que tinha um forte farol que iluminava bem o caminho, viu que um “bruta” de um coelho pulou em sua frente com as orelhas levantadas e saiu correndo. Querendo alcançar o bicho, ele começou a dar gás nas pedaladas de sua bicicleta, mas não chegava nem perto do animal. Quando surgiu a curva antes do Morro do Inhame, ele estava tão cansado, que “apeou” da bicicleta. Nesse momento, o coelho deu um

pulo e caiu na água que tinha ali perto. Empenhado em encontrar o animal, Itamar foi se embrenhando no mato, beirando o córrego e ali começou a ouvir um estranho som. Era como se um gravetinho estivesse sendo quebrado. E ele pensou:

— Uai, coelho não quebra graveto!

Quanto mais ele adentrava na mata, mais alto ficava o barulho, como se estivesse sendo cortada uma lenha cada vez maior e mais grossa. Seu Bié lembrou então que andava com uma garruchinha no bolso, mirou e “pá”. Atirou na direção do bicho. E nada de parar o barulho da quebra das lenhas, pelo contrário, aumentou mais um pouco. Irritado, ele pensou:

— Ah! Já que esse bicho não vai me respeitar, eu vou lá em casa buscar meus cachorros pra achar ele.

Na época, além dos cachorros, ele tinha um cavalo, que facilitaria a entrada no mato. Também a ideia era carregar junto uma gaiola e uma cambona de luz, assim o bicho não escaparia.

Seu Itamar foi pra casa, preparou seu cavalo, seus cachorros e os outros materiais necessários para a captura do coelho. Quando ele jogou um saco de linhagem no lombo do cavalo para montar sem que sujasse sua roupa, teve uma estranha sensação e parece que algo veio em sua cabeça: “Não vai lá, Bié, aquilo não é coelho.” Na mesma hora, ele desistiu da caça, entrou em casa e foi dormir. Nunca mais ele viu o tal bicho por aquele local.

O PORCO DO MATO

A época de Semana Santa era muito respeitada por todos em Caetano Lopes e região, principalmente porque diziam que, em Santa Quitéria, aconteciam coisas temerosas. Como a família de Dona Geni morava lá, sua mãe sempre alertava os filhos:

— Cês não vão fazer bagunça, não vão sair e não podem comer carne. No dia que eu falar que pode, cês come, no dia que eu falar que não, cês não come.

Certa vez, a mulher contou à filha que havia um homem que se transformava em porco e que ele aparecia principalmente na Sexta-feira da Paixão. Ela ainda alertou que como as portas não tinham fechadura, somente tramela, caso ela ouvisse algo estranho, precisaria da ajuda de todos para segurarem os acessos à casa a fim de evitar a entrada do porco do mato ali.

E não deu outra, naquela mesma noite, na alta madrugada, a família começou a ouvir um estranho barulho do lado de fora da casa como se algo estivesse rondando o local. Rapidamente, todos acordaram e foram cumprir a tarefa passada pela mãe. Geni lembra que as pancadas nas portas eram tão fortes, que ela e os irmãos quase não conseguiam dar conta de segurar. “E a gente passava a noite segurando a porta, porque o bicho era forte mesmo.”- lembrou Geni.

E se você pensa que ao amanhecer tudo passava... que nada! Um dia, todos de sua casa tinham ido à missa, mas a irmã de Geni não foi, ficou parada na ponte. Não demorou muito e o tal bicho medonho apareceu e começou a correr atrás dela. Desesperada, a menina tentava entrar na casa de vizinhos pedindo ajuda, até que conseguiu se abrigar na moradia de um senhor que morava em frente à casa de sua mãe. Juntos, eles se trancaram e se esconderam na moradia.

Por um longo período, o bicho ainda ficou esperando a menina na porta da casa do vizinho de frente, rondando os arredores e soltando um som assustador. Depois, desapareceu inexplicavelmente.

VISITA DO EX-MORADOR

Dona Emilce e Seu Luiz lembram que, na época da Semana Santa, coisas estranhas e curiosas aconteciam na comunidade. Tanto que as pessoas tinham o costume de evitar as ruas nesse período. Acontece que, nessa história, o susto se passou dentro da residência do casal. Aí não tem como fugir, né?

Emilce lembra que como não tinha luz e o escuro muitas vezes atrapalhava nos afazeres simples de casa, ela e Seu Luiz deixavam uma lamparina no chão para que os dois pudessem enxergar um pouco e não esbarrar nas coisas.

Certa noite, o casal estava na sala de casa iluminados pela lamparina junto de um de seus filhos, que ainda era bebê. De repente, perceberam que a chama da lamparina se agitou. Em seguida, ela tombou para o lado como se tivesse batido um vento nela, um vento típico tal qual alguém tivesse passado ao lado de uma labareda. Seu Luiz cutucou Emilce e disse:

— Olha ali.

E quando ela olhou, avistou um homem usando um chapéu, atravessando a casa deles. O indivíduo não olhou para o casal, não fez nada, somente atravessou a casa silenciosamente e entrou em um dos cômodos. Na mesma hora, ela olhou para a porta e pensou que alguém podia ter entrado em casa, mas não, ela estava fechada. Intrigada e tremendo de medo, Emilce esperou que o homem voltasse para a sala, contudo ele havia desaparecido.

Na manhã seguinte, o casal rondou a casa toda a fim de descobrir alguma pista do que poderia ter acontecido, no entanto nada foi encontrado. Foi então que Seu Luiz se lembrou de algo muito importante e foi falar com sua esposa:

— Emilce, quem morou aqui antes de nós usava um chapéu assim.

Na mesma hora, ela lembrou-se de quem se tratava e recordou ainda que o tal homem tivera uma vida muito difícil naquela casa, visto que uma pessoa havia sido muito ruim com ele ali.

— Ele deve tá precisando de missa. Eu vou encontrar com o padre para resolver isso. - disse Emilce para o marido.

Passados alguns dias, a mulher foi encontrar-se com o padre, explicou toda a situação e o sacerdote a orientou: você deve mandar celebrar três missas por intenção desse rapaz. Depois disso, vá até o cômodo onde foi o quarto dele e jogue água benta, que ele ficará em paz.

Assim ela e o marido fizeram e o homem nunca mais voltou a aparecer na casa.

FAZENDA MAL ASSOMBRADA

Na época da Semana Santa, os donos de fazendas da região e suas famílias tinham o hábito de deixar suas terras para passarem um tempo na cidade a fim de participarem das celebrações religiosas. Sendo assim, era necessário que alguém tomasse conta do lugar para garantir que não houvessem roubos ou invasões.

O pai do Zé Branco trabalhava de vigia em uma fazenda nos arredores de Caetano Lopes. Todo ano, ele passava oito dias no local cuidando de tudo. O fato é que sempre aconteciam coisas misteriosas, que faziam com que ele sentisse muito medo de passar a noite lá. Segundo o homem, sempre por volta das oito horas da noite, iniciava um barulho como se todas as vasilhas, talheres e panelas da cozinha estivessem sendo jogadas no chão. O som era tão alto, que chegava a dar eco nos enormes cômodos da fazenda. E ficava assim por alguns minutos. Depois, da mesma forma que começava, inesperadamente, tudo parava. Quando ele ia olhar o que havia acontecido, todos os utensílios estavam intactos e em seus devidos lugares.

PALMAS

No tempo em que Maria do Rosário morava no Sumidouro com um de seus filhos, os dois costumavam ir passear na casa da irmã do menino em Caetano Lopes e ali a família passava a tarde toda conversando e assistindo a televisão.

Quando chegava a hora de ir embora, já era noite e os dois começavam o caminho de volta para casa na escuridão total. Ao passarem pelo Morro do Inhame, mãe e filho ouviam misteriosas palmas, que vinham do meio do mato. Assustados, eles corriam morro acima a fim de chegarem logo a um lugar a salvo, mas as temerosas palmas os acompanhavam na subida, ficando cada vez mais próximas a cada passo.

No fim do morro, exaustos da corrida, o som desaparecia como se nada tivesse acontecido ali.

A PORCA DO ARROZAL

Seu Zé Branco conta que, no caminho para Entre Rios, perto do Rio Vermelho, onde ele e uma turma costumavam ir plantar arroz, aparecia uma porca imensa com sua fileira de leitõezinhos chorando atrás dela.

Quando ele e os outros rapazes iam procurá-la para ajudar os filhotes, tudo tinha desaparecido.

A LENHA FORA DE HORA

Quando Seu Zeca Machado era mais novo e namorava a Rosária, sua atual esposa, ela morava num local chamado Mato Virgem. “Aparecia um trem naquele lugar lá que, se o cara não fosse forte, ele passava aperto e desanimava.” contou ele.

Segundo sua lembrança, era assim, quando você passava pela estrada, começava a ouvir um barulho como se alguém tivesse cortando lenha fora de hora. Aquele som parecia que corria no meio do matagal e rondava a pessoa. Seu Zeca, corajoso que era, certa vez jogou uma pedra na direção do ruído e “o trem correu igual um boi pro mato abaixo, derrubando o que encontrava pela frente.” lembrou.

Um dia, quando Seu Zeca estava acompanhado de um compadre, o homem se surpreendeu ao ouvir a barulheira no meio do mato.

— Uai, tem alguém trabalhando com machado de noite?

E ele o respondeu dizendo:

— Não, isso aí é o que aparece por aqui mesmo, tem um trem esquisito por essas bandas.

— Então vambora, rapaz! - respondeu o amigo com os cabelos todos arrepiados de medo.

MISTÉRIOS

Segundo Zeca Machado, existiu uma fazenda em Caetano Lopes que era constantemente atacada pelo “sujo”. Misteriosamente, dentro das panelas alojadas na cozinha do casarão, o capeta colocava bosta de cavalo. Depois que um padre foi chamado para benzer o lugar, não aconteceu mais nada.

QUEM NÃO TEM MEDO DE ASSOMBRAÇÃO

Seu Zeca conta que seu avô, Francisco Machado, conhecido por Chico Barbudo, e o irmão dele, também Zeca Machado, não tinham medo de nada. Os manos contavam que quando aparecia uma alma de outro mundo para eles, os dois conversavam para saber do que ela estava precisando e que os pedidos mais comuns eram celebração de missa e pagamento de dívida.

SOTERRAMENTO

A família de Januário Pinto de Oliveira foi dona da Fazenda Palmeira, nome criado por ele depois de muitos anos, quando a documentação do local foi regularizada. Seu Januário narrou que, na localidade, era frequente a extração de ouro e que, em suas terras, contavam a história de que dois irmãos haviam sido soterrados por um barranco enquanto garimpavam.

Certa ocasião, uns rapazes pediram a seu pai para que pudessem buscar ouro nas terras da fazenda e foram autorizados. Passadas algumas horas, os homens voltaram com uma pá antiga que eles haviam desenterrado, provando que a história da morte dos irmãos era mesmo verdadeira.

MISTÉRIOS DO TEMPO DE AGORA

Que antigamente aconteciam muitas coisas misteriosas, a gente já pôde perceber ao longo destes relatos. Mas o que será contado agora, sucedeu em um passado recente, provando que, ainda hoje, existem coisas que não sabemos explicar.

Bruna contou que seu avô, o senhor Magno José Pereira, quando trabalhava em Congonhas, vinha com frequência a Caetano Lopes, pois sempre gostou muito do distrito. Acontece que, de noite, ao passar pela rua da atual associação de moradores, ele sentia algo pesado na garupa da moto que chegava a baixar os pneus. Quando olhava para trás, não tinha nada. Ainda na mesma rua, Sheila, mãe de Bruna, contou à menina que, certa vez, viu um homem todo de preto sentado em uma cadeira que balançava na varanda de uma casa abandonada. E Bruna e algumas amigas já viram, em uma das casas da mesma rua, um quadro de um antigo morador, já falecido, mexendo inexplicavelmente.

Para completar a sessão de mistérios, tem também o caso contado pela Sofia, que se passou na rua de trás. Certa vez, ela e as amigas combinaram de descer a rua de casa e ficar conversando num ponto de encontro dos jovens. Na volta para casa, quando as meninas estavam passando pelo pasto, avistaram uma mulher vestida de branco, andando no meio do matagal. Segundo relembra Sofia, “ela vestia um vestido que parecia de casamento e tinha os cabelos lisos e pretos.” Assustadas, as meninas saíram correndo, pedindo ajuda para seu irmão socorrê-las, mas o rapaz nada encontrou no local.

OS VÁRIOS ENCONTROS COM A BOLA DE FOGO

Segundo Seu Luiz Gomes, “o homem estuda o espaço há mais de mil, dois mil anos... sabe das galáxias, das estrelas e de muitos mistérios do céu. Descobriu a profundidade dos oceanos e até já pisou na lua. Mas ainda não arrumou explicação para algumas coisas que acontecem bem debaixo do nosso nariz.” E é assim com a tal bola de fogo ou bola iluminada ou mãe do ouro, como também é conhecida por muitos na região e nas Minas Gerais. Fato é que muita gente jura que já encontrou com a misteriosa luz e narra os mais variados casos em que se assustou ou se deslumbrou com a aparição. Abaixo, vamos conhecer alguns.

História de Luiz Gomes

Seu Luiz conta que, tempos atrás, dois compadres conhecidos dele estavam voltando de trem para Caetano, vindos de Congonhas. Um deles acabou cochilando na viagem, afinal, o dia tinha sido longo e cansativo. O outro, querendo se distrair para que o tempo passasse mais rápido, virou-se para a janela do trem e começou a olhar para o céu. De repente, ele viu algo diferente no firmamento e chamou o seu amigo:

— Olha lá! Olha lá!

Ainda sonolento e meio assustado com as investidas do colega, o homem respondeu antes mesmo de abrir os olhos.

— O que foi? Nem me deixa dormir sossegado, assim eu não viajo mais com você.

E o outro completou:

— Olha lá, perto do pé de coqueiro, tem uma coisa brilhando.

O dorminhoco então levantou o corpo, espreguiçou-se, colocou a

cabeça para fora da janela e, nessa hora, seus olhos se arregalaram.

— Minha Nossa Senhora! O que é aquilo? Parece uma bola de fogo soltando fagulha.

— Pois eu não tô te falando é isso, homem?

O trem continuou seu trajeto pelo trilho, firme e inabalável. Os dois companheiros ainda tentaram chamar a atenção de mais gente para ver o misterioso acontecido, mas ao olharem novamente pela janela do vagão, a bola de fogo havia desaparecido.

História de Ana Maria Machado

Quando Ana Maria tinha aproximadamente uns treze anos, ela e sua mãe, que adorava cantar, gostavam de ficar na varanda de casa, juntas, olhando o entardecer. Era uma gostosa rotina em família que trazia muito prazer às duas. Todavia, naquele dia, foi um pouquinho diferente, pois mãe e filha estavam em locais distintos da casa. Ana Maria, sozinha na varanda, e sua mãe, preparando o jantar na cozinha.

Na sacada, ao olhar a beleza do horizonte, a menina foi surpreendida ao ver, perto da ponte preta, uma enorme bola cor de ouro, toda iluminada. “Ela subia e descia lentamente, como se estivesse flutuando.” Aflita e querendo a companhia de sua mãe, ela chamou:

— Mãe! Mãe! Corre! Vem aqui para a senhora ver!

“Eu não estava acreditando no que eu estava vendo, eu achava que a mãe ou outra pessoa tinha que ver. Mas a mãe não ouvia, pois a cozinha era longe da varanda.”

Percebendo que sua mãe não a escutava, a menina saiu da varanda e foi para dentro de casa aumentando o volume dos gritos para chamá-la:

— Mãe! Mãe! Vem rápido, mãe! Vem aqui!

Assim, a progenitora a ouviu e começou a caminhar na direção da varanda. Nesse momento, Ana Maria correu na frente dela para já se posicionar onde tinha visto a curiosa bola, mas ela havia desaparecido.

— O que é, menina? O que foi? Que gritaria é essa?

— Eu vi uma bola enorme no rumo da ponte preta.

A mãe, calmamente e com certa familiaridade no assunto, o que surpreendeu a menina, respondeu:

— Deve ser a mãe do ouro, minha filha. Cê viu a mãe do ouro.

História de Vander Benvindo de Freitas

Vander conta que, quando menino, sua família morava afastada da cidade. Como durante muito tempo ele foi filho único, pois suas irmãs só nasceram anos depois, ele não tinha com quem brincar, então, sua grande companhia era o seu pai. “Eu andava com meu pai pra todo lado. Tava sempre com ele. O ajudava a guiar os bois, a gente andava a cavalo juntos, éramos muito companheiros.” Certo dia, quando pai e filho estavam indo até a cidade, eles caminharam por um corte de vegetação que tinha no caminho e, de repente, uma luz passou por eles em alta velocidade. “Parecia uma tocha. Passou, foi pro outro lado do rio, numa mata e sumiu.”

Vander tomou um susto tão grande, que, segundo lembra, quase entrou debaixo do pai de tanto medo. Depois da inesperada passagem da luz, tudo voltou ao normal, sem que nenhum rastro tivesse sido deixado.

História de José Braz Machado

“Eu já vi aquela luz que sai voando. Dizem que é a mãe do ouro. Parece um cometa. Eu já vi no céu, vai toda vida até encobrir tudo. E já vi na terra.”

Com o Seu Zeca, a história da luz foi um pouco menos contemplativa e o fez passar um certo aperto que, ao lembrar, o faz arrepiar os cabelos, mas também lhe tira umas boas gargalhadas.

Segundo contou, para lá de Jeceaba, existia um forró muito animado que a turma de Caetano Lopes e região costumava frequentar. Certa noite, quando estavam todos dançando animados e felizes, a bola de fogo apareceu vinda do pé da serra. “Ela suspendia e abaixava. Suspendia e abaixava. Quando chegou na casa que tava tendo o forró, correu um monte de gente de uma vez pra passar numa porta estreita. Passou quase todo mundo, aí a porta bateu e fechou. Ficou de fora eu e o sanfoneiro. E a luz vindo que vindo baixando e levantando. Quando ela tava pertinho de nós, o cara da sanfona foi tocando e falando:

— Fommmm... Fommmm. Não vai dar pra ficar aqui não.”

Com o escape do sanfoneiro, que foi se esconder atrás da casa, Seu Zeca ficou sozinho frente a frente com a luz. “Aí ela passou pertinho de mim e foi embora. Não mexeu com ninguém. Essa era até bonita! Era um trem grande, soltava as lavas... eu lembro até hoje.”

História de Emilce Umbelina Gomes

Certo dia, Dona Emilce estava em casa já se preparando para mais uma noite de sono tranquila. Mas, antes mesmo de colocar a sua roupa de dormir, ela sentiu uma leve fome e decidiu sair para comprar algumas bananas no boteco de sua rua.

Como o bar ficava bem perto de sua casa, ela nem se preocupou em arranjar uma companhia e foi sozinha, mesmo estando de noite. Acontece que, no meio do caminho, quando Emilce olhou para o céu, ela se deparou com uma enorme bola iluminada que fazia movimentos indo para um lado e depois para o outro. Ah, ela não pensou duas vezes e começou logo a gritar:

— Olha! Olha! Gente, olha!

O bar estava cheio, mas parecia que ninguém a ouvia. Então ela gritou mais alto ainda:

— Olha a bola no céu!

E, nesse instante, apareceu um único moço que a tinha escutado e que, por ter andado um pouco em sua direção, também viu a misteriosa aparição. Os dois ficaram com os olhos arregalados enquanto a bola iluminada desceu do céu até o chão e depois sumiu sem deixar vestígios. Até hoje não se sabe o que foi que apareceu para eles.

Agora a sua!

Como imagino que seja muito provável que você que está lendo também já tenha visto ou encontrado com a tal bola de fogo, faço-lhe um convite: escreva a seguir a sua história e ajude no registro dessa intrigante narrativa que atravessa as lembranças e o imaginário de muitas regiões de Minas Gerais.

CONTRIBUÍRAM PARA ESTE LIVRO



*Bruna Cristina
Oliveira*



Célia Ribeiro



*Emilce Umbelina
Gomes e Luiz Gomes*



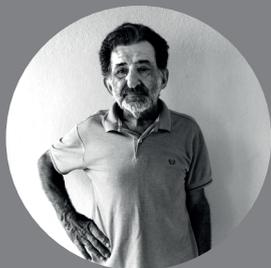
Etelck Pereira



*Geni Maria de Jesus
Silva, Itamar José da
Silva e Ivone de Fátima
Silva*



*Januário Pinto de
Oliveira*



José Braz Machado



José Duarte da Silva



*Juliene Aparecida
da Silva*



*Lourdes Martins de
Freitas*



*Maria da Conceição
N. Gomes e Regina
Aparecida N. Gomes*



*Maria de Fátima
Veado Santos*



*Maria do Rosário da
Silva*



Maria Sérgio Luiz



*Rosolmira Magda de
Oliveira Machado*



*Sander Adriano
Gomes Moura*



Sandra Rita Cardoso



*Sheila Cristina de
Oliveira*



*Sofia Isabela de
Oliveira*



*Vander Benvindo de
Freitas*

AGRADECIMENTO ESPECIAL



*Ana Maria
Machado*



*Milton Martins
Campos*



*Nelson Lobo
Veadó*

Pesquisa e Texto

Elis Ferreira

Assistentes de Pesquisa

Ana Elisa Teixeira

Ana Malta

Miriam Rios

Geraldo Saldanha

Colaboração

Juliano Pereira

Luiza Cassano

Najla Passos

Revisão Ortográfica

Sílvia Moriconi

**Projeto Gráfico Editorial
e Diagramação**

Olívia Lombardi



Teatro da Pedra

O Teatro da Pedra é um grupo que mergulha cotidianamente na pesquisa, criação e produção de espetáculos teatrais e que desenvolve um projeto pedagógico atendendo a centenas de crianças, jovens e adultos.

No campo artístico, os trabalhos são realizados a partir de processos colaborativos que perseguem uma dramaturgia a qual provoque, tanto pelos conteúdos quanto pelas encenações, um deslocamento de modo a permitir reenxergar o mundo nas micro ou nas macro políticas do cotidiano.

No âmbito educacional, o grupo atua oferecendo oficinas de teatro que promovem o acesso à arte e fortalecem a valorização da identidade cultural das localidades. Nos últimos anos, o Teatro da Pedra tem realizado projetos de registro escrito da cultura oral de comunidades e pequenos distritos adentrando no universo da literatura.

A sede do grupo se encontra em um sítio de aproximadamente 12 mil m² em

São João del-Rei que, além de servir aos treinos, ensaios, oficinas e temporadas de trabalhos da casa, recebe shows, residências artísticas e espetáculos de grupos convidados de vários cantos do país.

Outras publicações do Teatro da Pedra: *Histórias da Serra do Camapuã*, *Receitas de Vida & Histórias de Receitas*.

Elis Ferreira

Elis Ferreira é atriz, arte educadora e escritora nascida em São João del-Rei-MG. Co-fundadora do grupo Teatro da Pedra, formada em Letras e mestre em

Teatro pela UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei, ela acredita e aposta no teatro e na literatura como formas de se colocar e dialogar com o mundo.



Apoio



VALE

AMACL
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES
E AMIGOS DE CAETANO LOPES

Realização

TEATRO *da*
PEDRA

ISBN: 978-65-999771-1-4

CDI



9 786599 977114